

Biblioteca Marechal Rondon
Dão esta cópia, seguindo
sugestão da Biblioteca da
Funai, aqui em Brasília.
Que seja de proveito
para os estudiosos
de línguas indígenas
deste nosso Brasil!

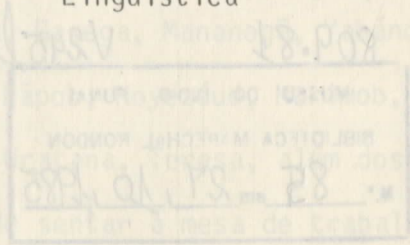
Tine H van der Meer

FONOLOGIA DA LÍNGUA SURUI

por

TINE H. VAN DER MEER

Dissertação apresentada ao
Departamento de Lingüística
do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como
requisito parcial para ob-
tenção do grau de Mestre em
Lingüística



Campinas

1982

Agradecimentos

Ninguém vive só neste mundo, e não podemos produzir nada de valor sem a ajuda de outros. Portanto, se este trabalho puder ser considerado como sendo algo "de valor", como espero que seja, reconheço com gratidão que foram muitos os que contribuíram para que ele fosse feito.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela vida e saúde, pela inteligência e pela motivação para este trabalho como parte do Seu plano para a minha vida. Agradeço aos meus pais, parentes e amigos pela ajuda no sustento e pela hospitalidade, sem as quais não poderia ter me dedicado aos estudos preparatórios e à elaboração desta dissertação.

Sou grata à FUNAI pelas autorizações concedidas para pesquisar a língua Suruí "in loco", ou seja nas aldeias junto aos P.I. Sete de Setembro e Linha 14, no Parque Indígena do Aripuanã, e pela ajuda dada pelos funcionários do parque. Não citarei nomes, para que não me esqueça de alguém.

Agradeço também aos índios Suruí em geral, e especialmente aos que me ensinaram a sua língua, pela paciência em repetir o que demorei tanto a aprender, pela correção dos erros que fazia ao repetir as palavras e frases, enfim, pelo bom trabalho que fizeram. Citamos: o chefe Ibtabira; meus informantes principais Oyowa, Gasega, Mananogã, Yabánor, Soaygur, e outros que me ensinaram: Paor, Dãpob, Moyezóud, Marimob, Pawáib, Tíkã, Yamodá, Iwekar, Pamaso, Yábaday, Uratana, Teresa, além dos muitos outros que não tiveram oportunidade de sentar à mesa de trabalho comigo, mas que mesmo assim em muitas ocasiões me ensinaram alguma palavra ou frase na sua língua nativa, ou que fizeram um esforço para se tornarem meus amigos. É com saudades que me lembro destes, e tenho esperança de

revê-los algum dia num futuro não muito distante. Ao índio Cinta-Larga Mamoya devo agradecimentos por dados comparativos em sua língua.

Devo muito aos meus colegas Willem e Carolyn Bontkes. Com o seu conhecimento da língua e cultura Suruí muito me ajudaram no aprendizado. Além disto, colocaram seus materiais à minha disposição, dos quais tirei muito proveito. O seu apoio também me valeu muito nas horas de desencorajamento passadas na aldeia. À Betty Mindlin agradeço por ter me cedido cópias do material lingüístico colhido por ela.

Ao colega David Landin agradeço por ter tomado tempo para ler e criticar uma versão anterior deste trabalho, e pelas sugestões dadas. Ao colega Richard Need, pelo tempo que deu tão liberalmente para o preparo desta dissertação para ser impressa no computador. Ao colega Don Piccone, pelos ajustes finais e pela impressão propriamente.

Aos vários professores e colegas da Unicamp e do Instituto Lingüístico devo meus agradecimentos pela instrução, sugestões, encorajamento e ajuda de muitas formas.

E, finalmente, ao meu orientador, Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, eu devo meus agradecimentos, pela orientação paciente e extremamente valiosa na elaboração desta dissertação, pelas muitas horas dedicadas à leitura e à correção da redação, além da sua intervenção junto à Funai em meu favor, e pela ajuda de várias maneiras, com idéias, críticas, sugestões de textos para leitura relevante aos problemas encontrados, etc. Sem sua orientação esta dissertação dificilmente teria sido completada.

Autora: Tine Henriete van der Meer

Tine H. van der Meer

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

Julho de 1982.

INDICE

	Página
I. Introdução FONOLOGIA DA LÍNGUA SURUI	4
II. Fonologia geral	6
A) Sistema de sons da língua Resumo	6
B) Considerações gerais	7
<p>Este trabalho visa a descrever a fonologia da língua Suruí, da família Mondé do tronco Tupi, a partir de um enfoque gerativo, dando atenção especial a mudanças morfofonêmicas verificadas em fronteiras de morfema, clítico e palavra e interiormente a palavras. Antes de entrar neste assunto, porém, aborda-se a fonologia geral e dentro dela, como um caso especial, a dos ideofones; e a sílaba, com atenção especial ao tom e à acentuação. No final é feita uma comparação de alguns dados desta língua com seus correspondentes em Cinta-Larga, outra língua da família Mondé.</p>	
IV. Morfofonologia	31
A) Fronteiras	31
B) Mudanças morfofonêmicas	31
1) Em limite de palavras (fronteira f)	32
a) Elisão de labiais e aproximantes não labiais	32
b) Sonorantização	32
c) Palatalização	35
d) Elisão de vogais	35
2) Vozamento em limite de morfema	36
Autora: Tine Henriete van der Meer no diminutivo	37
Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues com menor tensão	38

ÍNDICE

	Página
I. Introdução	4
II. Fonologia geral	6
A) Sistema de sons da língua Suruí	6
B) Considerações gerais	7
1) Restrições na ocorrência de fonemas	7
2) Regra de redundância	9
C) Regras fonológicas	10
D) Fonologia dos ideofones	19
III. A sílaba; suas características em construções maiores	23
A) Padrões silábicos profundos e superficiais; eliminação de fronteira silábica \$	23
B) Tom e acentuação; considerações de ritmo; efeitos dos enclíticos	24
IV. Morfofonologia	31
A) Fronteiras	31
B) Mudanças morfofonêmicas	31
1) Em limite de palavras (fronteira #)	32
a) Elisão de labiais e aproximantes não labiais	32
b) Sonorantização	32
c) Palatalização	35
d) Elisão de vogais	35
2) Vozeamento em limite de morfema	36
3) Elevação dentro da palavra, no diminutivo	37
4) Elisão da consoante coronal com menor tensão	38

entre verbo e aspecto inceptivo	68
5) Em confronto com pronomes proclíticos e prefixos pronominais	39
a) Os marcadores de pessoa: proclíticos e prefixos; relações entre substantivos possuídos e verbos	39
b) Mudanças a nível segmental	40
i) depois de [+1], [+2] e [+1 +2], todos [-refl], e [+1 +2], [+refl]	40
ii) depois de [+1], [+2] e [+3], todos [+refl]	42
iii) depois de [+1 +3] e [+2 +3], tanto [-refl] como [+refl]	43
iv) depois de [+3], [-refl]	44
v) depois de [+3 +3], [-refl]	46
c) Mudanças a nível suprasegmental	46
i) Classe I - Estáveis	47
ia) Palavras iniciadas em tom alto	47
ib) Palavras iniciadas em tom baixo	48
ii) Classe II - Instáveis	49
iia) Palavras iniciadas em tom alto	49
iib) Palavras iniciadas em tom baixo	49
iii) O prefixo [ma], de posse opcional	51
iv) Quadro de paradigmas completos	51
Conclusão	58
Apêndices	60
A) Quadro 1: Matriz de fonemas	60
B) Quadro 2: Matriz fonética	62
C) Relação dos símbolos usados	66

D) Comparação com o Cinta-Larga: correspondência de [ɿ] e 68

[y] a seqüências de nasal e fricativa, e das nasais a falada por
seqüências de nasal e oclusiva em duas localidades dentro do

Bibliografia do Aripuanã, no Estado de Rondônia: um grupo de 70
aproximadamente 210 índios no P.I. Sete de Setembro, e outro, de
aproximadamente 90 índios, no P.I. da Lima 14. Além dos índios Suruí há
alguns Cinta-Largas e Karitianas ligados aos Suruí por casamento
(próprio ou de parente). A língua Suruí pertence à família Mondé, que
faz parte do tronco Tupi (cf. Rodrigues, 1971). Os dados para esta
dissertação foram coletados em três visitas à tribo, uma em 1979 e duas
em 1980-81. Este estudo teve acesso a vários manuscritos de Willem de
Groot, cartas, e fitas gravadas por eles, e dados colhidos por Betty
Mindlin, e manuscritos de Sandberg referentes ao Cinta-Larga e de
Stute referentes ao Gavião.

Tomamos por objetivo descrever a fonologia da língua Suruí a partir
de um enfoque gerativo. Não seguimos nenhuma variante particular do
modelo gerativo; ao contrário, nos valemos das idéias de vários autores,
aproveitando-nos daquelas que melhor explicam os fenômenos observados na
língua Suruí.

Achamos por bem descrever a morfofonologia¹ separadamente da
fonologia geral, porque há vários casos de "neutralização de contraste"
(aparente² ou real) que só se explicam recorrendo à morfologia, por
exemplo estabelecendo vários tipos de fronteiras morfo(fono)logicamente
definidas ou referindo a classes léxicas ou sintáticas ou a outras
informações não fonológicas. Descreveremos, portanto, em primeiro lugar a
fonologia geral; em segundo lugar, damos uma breve descrição da sílaba,
do tom e da acentuação; em terceiro lugar, abordamos aqueles fenômenos

I. Introdução

A língua Suruí, objeto desta dissertação, é falada por aproximadamente 300 índios residentes em duas localidades dentro do Parque Indígena do Aripuanã, no Estado de Rondônia: um grupo de aproximadamente 210 índios no P.I. Sete de Setembro, e outro, de aproximadamente 90 índios, no P.I. da Linha 14. Além dos índios Suruí há alguns Cinta-Largas e Karitianas ligados aos Suruí por casamento (próprio ou de parente). A língua Suruí pertence à família Mondé, que faz parte do tronco Tupí (cf. Rodrigues, 1971). Os dados para esta dissertação foram coletados em três visitas à tribo, uma em 1979 e duas em 1980-81. Além disto tive acesso a vários manuscritos de Willem e Carolyn Bontkes, a fitas gravadas por eles, a dados colhidos por Betty Mindlin, e a manuscritos de Sandberg referentes ao Cinta-Larga e de Stute referentes ao Gavião.

Tomamos por objetivo descrever a fonologia da língua Suruí a partir de um enfoque gerativo. Não seguimos nenhuma variante particular do modelo gerativo; ao contrário, nos valemos das idéias de vários autores, aproveitando-nos daquelas que melhor explicam os fenômenos observados na língua Suruí.

Achamos por bem descrever a morfofonologia¹ separadamente da fonologia geral, porque há vários casos de "neutralização de contraste" (aparente² ou real) que só se explicam recorrendo à morfologia, por exemplo estabelecendo vários tipos de fronteiras morfo(fono)logicamente definidas ou referindo a classes lexicais ou sintáticas ou a outras informações não fonológicas. Descrevemos, portanto, em primeiro lugar a fonologia geral; em segundo lugar, damos uma breve descrição da sílaba, do tom e da acentuação; em terceiro lugar, abordamos aqueles fenômenos

morfofonológicos que até agora pudemos analisar; e, por último, apresentamos uma comparação que fizemos com alguns dados da língua Cinta-Larga que vêm iluminar alguns processos observados na fonologia da língua Suruí.

Esta divisão foi feita para que houvesse um agrupamento lógico dos processos descritos; isto implica, porém, em que certas regras se aplicam numa ordem diferente daquela em que são dadas. Nos casos em que isto acontece informamos em nota qual é a ordem em que as regras se aplicam.

Notas:

1. O termo é emprestado da fonologia estruturalista; aqui se refere a uma diferença de qualidade, não a uma de nível.

2. Veja-se o caso da RM1, que não se aplica aos resultados da RM2; ali vemos que a "neutralização" entre /p/ e /m/ não é tal que os /m/ resultantes da RM2 venham a alimentar a regra RM1.

II. Fonologia geral

A) Sistema de sons da língua Suruí

Na língua Suruí distinguimos 29 fonemas¹, que se manifestam, foneticamente, num número bem maior de sons. Além destes, há alguns sons que só aparecem em palavras imitativas. Estes últimos descreveremos brevemente na parte D deste capítulo, junto com certas seqüências e distribuições excepcionais que só ocorrem em ideofones e palavras de origem imitativa.

Em linhas gerais, dividem-se os fonemas em silábicos e não silábicos. Os silábicos se subdividem em nasais² e orais, em altos e não altos, em posteriores e não posteriores, e os posteriores em labiais³ e não labiais. Os não silábicos se subdividem em consonantais e não consonantais e em contínuos (ou aproximantes⁴) e não contínuos (ou não aproximantes). Estes últimos, quando forem consonantais, também se subdividem em nasais e orais. Tanto os consonantais contínuos como os não contínuos (orais) podem ser vozeados ou não vozeados, e ambos podem ter alofones fricativos; no caso dos primeiros, se forem não vozeados, os alofones fricativos podem até predominar, como acontece no caso do contínuo alto⁵. Além disto temos, a nível fonético, alongamento de consoantes, ocorrência de vogais duplas dentro da sílaba, nasalização de não consonantais contínuos, perda de vozeamento em consoantes não nasais, silabação do /r/ e perda de altura e posterioridade do glide labial. Para os silábicos temos 3 graus de altura a nível fonético; para os não silábicos temos 5 posições, incluindo a glotal: bilabial [+lab], dental [+cor, -alt], palato-alveolar (adiantado) [-post, +alt], velar [+post, +alt] e glotal [+post, -alt], distinguindo-se este, porém, pelo

fato de ser [-cons]. Os alofones posteriores de /w/ são [+lab, +post, +alt], isto é, lábio-velares. O /l/ é um lateral dental não vozeado não fricativo, embora tenha alofones total ou parcialmente fricativos; o /y/ é também não fricativo, mas tem alofones fricativos, como já mencionamos. O /r/ varia entre um flap com contato muito leve e um aproximante retroflexo, sendo mais freqüentemente realizado como um "flap" sem contato. Como este segmento se nasaliza como o /w/ e o /y/, em oposição ao segmento /l/ (que se realiza com contato central), nos parece ser razoável classificá-lo como não consonantal.

Damos no apêndice A a matriz de fonemas e no apêndice B a de todas as variantes verificadas.

B) Considerações gerais

1) Restrições na ocorrência de fonemas.

a) Os fonemas que seguem não ocorrem em final de sílaba:

i) as consoantes não vozeadas /p/, /t/, /c/, /k/, /l/ e /y/;

ii) as palatais vozeadas /j/ e /ñ/;

iii) o lateral /l/ e o glide labial /w/.

b) Ocorrem em final de sílaba:

i) alofones vozeados e não vozeados de /b/, /d/, /g/ e /r/;

ii) as nasais /m/, /n/ e /ŋ/;

iii) os glides /ʔ/ e /y/.

c) O aproximante /r/ só ocorre após segmento silábico;

d) Oclusivas orais e nasais finais de sílaba parecem ocorrer

só no fim de morfemas ou em ideofones e palavras de origem imitativa com reduplicação.

e) O fonema /ɨ/ parece ocorrer só em final de morfema, seguido ou não de consoante, ou diante de /ʔ/, /r/, ou /y/ não finais, quando estes forem seguidos de outro /ɨ/, ou ainda diretamente antes de outro /ɨ/.

Exemplos:

/'tɨyɨb+à/	→	['tɨyɨbà]	'espécie de pássaro'
/'áwɨrɨ/	→	['áwɨrɨ]	'cachorro'
/'pɨʔɨg/	→	['pɨʔɨg]	'nome próprio'
/má'wɨɨg/	→	[má'wɨɨg]	'espécie de pássaro'
/kà'kɨr/	→	[kà'kɨr]	'bonito, gostoso'
/'mɨɨŋ+à/	→	['mɨɨŋà]	'escuro'
/'hóɨ/	→	['hóɨ]	'expressão de surpresa'

Quando houver reduplicação o /ɨ/ se repete nas sílabas reduplicadas.

2) Regra de redundância.

Exemplos:

/yɨr'yɨr/	→	[yɨr'yɨr]	'urubu'
/'jɨg+ɨ+jɨg+ɨ/	→	['jɨgɨjɨgɨ]	'tremar'
/nɨr'nɨr+íyà/	→	[nɨr'nɨr+íyà]	'espécie de fruta'

f) Consoantes não nasais não ocorrem precedidas de nasais, e

oclusivas orais vozeadas não ocorrem precedidas de outras oclusivas orais vozeadas, a não ser em ideofones e palavras de origem imitativa com reduplicação.

g) Todos os segmentos [+cons] coronais e/ou altos não posteriores são adiantados, isto é, são pronunciados com a língua junto aos dentes superiores para os não altos, e na região alveolar para os altos.

Exemplos:

/òn#tì/	→	[ó'nī]	'minha mãe'
/yì+tì'tí/	→	[ʃìtì'tí]	'cestinha dele'
/ì'jígà#lìbò/	→	[ì'jígà'lìbò]	'lâmparina (vela-chama)'
/pàn#lá+tág/	→	[pàlā'dág]	'nossa gordura'
/tóy#tì/	→	[tóy'cī]	'nossa mãe'
'ñóóè/	→	['ñóóè]	'expressão de surpresa'

h) /g/ não pode ser pré-nasalizado.

2) Regra de redundância.

As oclusivas perdem o vozeamento diante do silêncio.

RR1) $\begin{bmatrix} -sil \\ -cont \\ -nas \end{bmatrix} \rightarrow [-voz] \ / \ ______ \#\#$

Exemplos:

/'ííb/	→	['ííb]	'árvore'
/'mè?èg/	→	['mē?èg]	'milho'
/óyòy'ód/	→	[óyòy'ód]	'espécie de pássaro'

C) Regras fonológicas

Descrevemos abaixo a relação existente entre cada fonema ou classe de fonemas e os sons pelos quais se manifesta, estabelecendo regras expressas em termos de traços fonéticos.

1) Primeiramente, se a penúltima sílaba de uma palavra é acentuada e aberta, contendo só uma vogal, e se a última tem tom baixo (na seção III-B descrevemos o que conhecemos a respeito de acento e tom), a consoante que inicia a última sílaba é alongada. A regra fonológica 1 (RF1) dá conta deste fenómeno.

$$\text{RF1) } [-\text{sil}] \rightarrow [+ \text{longo}] \quad / \quad \$ \left[\begin{array}{c} (\text{C}) \text{ V}^1 \\ + \text{acento} \end{array} \right] \$ \text{ ______ } \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ - \text{ALT} \end{array} \right] \#(\#)$$

Exemplos:

/'kánè/	→	['kán:è]	'(alguém) o quer'
/'ííb+'kátà/	→	['ííb'kát:à]	'cortar pau, árvore'
/'wàlèd/	→	['wāl:èd]	'mulher'
/'î+wà/	→	['îw:à]	'comê-lo'
/'béyà/	→	['béy:à]	'vovó (voc)'
/'májà/	→	['māj:à]	'fazer'
/'cápè/	→	['cáp:è]	'linha para pesca'

2) Assilábicos não nasais ou não consonantais não altos perdem o

vozeamento em final de sílaba, antes de consoante não vozeada na mesma palavra, normalmente composta de dois morfemas, isto é, intervindo fronteira + (ou ≠, se houver enclítico), v. seção IV-A. Vejamos a regra RF2.

$$\text{RF2) } \left[\begin{array}{l} -\text{sil} \\ \left\{ \begin{array}{l} -\text{nas} \\ -\text{cons} \\ +\text{cor} \end{array} \right\} \end{array} \right] \rightarrow [-\text{voz}] / \text{---} \left(\begin{array}{c} + \\ \neq \end{array} \right) \left[\begin{array}{l} +\text{cons} \\ -\text{voz} \end{array} \right]$$

Exemplos:

- /ííb+'kátà/ → [ííb'kát:à] 'cortar pau, árvore'
 /òñ'á'nár+|ín/ → [ò'ná:|ín] 'meu cabelo'
 /'ηád+tíkád/ → ['ηádtíkád] 'lua (sol-mãe(?)-...)' (palavra usada só pelo homem)
 /àmà'dóg#tè/ → [àmà'dóqté] ' ? ' (tè: inceptivo)

3) As consoantes não contínuas /p/, /b/, /g/ e /k/ opcionalmente enfraquecem intervocalicamente, tornando-se contínuas (foneticamente fricativas). A regra RF3 dá conta deste enfraquecimento.

$$\text{RF3) } \left[\begin{array}{l} +\text{cons} \\ -\text{nas} \\ -\text{cor} \end{array} \right] \rightarrow ([+\text{cont}]) / [V] \text{---} [V]$$

Exemplos:

- /ànò+'pábì/ → [ànò'páb:ì] ~ [ànò'páb:ì] 'do outro lado'
 /'ηàb+éy/ → ['ηābéy] ~ ['ηābéy] 'cabas'
 /'nárágááb/ → ['nárágááb] ~ ['nárágááb] 'espécie de roedor'
 /'ηárbá'kákààb/ → ['ηárbā'xákààb] ~ ['ηárbā'kákààb] 'nome próprio (chefe do dia)'

4) As oclusivas vozeadas /b/ e /d/, quando ocorrem no início da

palavra, são opcionalmente pré-nasalizadas. Para isto montamos a regra RF4.

$$\text{RF4)} \begin{bmatrix} -\text{son} \\ -\text{cont} \\ +\text{voz} \end{bmatrix} \rightarrow ([+/-\text{nas}]) / \# \# \text{ ______}$$

Exemplos:

/'dãg/ → ['ⁿdãg] ~ ['dãg] 'canivete'

/'bágã/ → ['^mbágã] ~ ['bágã] 'acabou'

5) Vogais não nasais podem ser nasalizadas progressiva e antecipatoriamente.

a) Progressivamente a nasalização se observa quando a vogal (ou as duas vogais homorgânicas) que segue(m) uma consoante nasal por sua vez é (são) seguida(s) de uma oclusiva vozeada seguida de outra vogal, se a oclusiva não marca o final do morfema. A oclusiva por sua vez é pré-nasalizada. As regras RF5 e RF6 dão conta disto.

$$\text{RF5)} [V] \rightarrow [+nas] / \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \text{ ______ } \begin{bmatrix} -\text{son} \\ +\text{voz} \\ -\text{cont} \end{bmatrix} [V]$$

$$\text{RF6)} \begin{bmatrix} -\text{son} \\ +\text{voz} \\ -\text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow [+/-\text{nas}] / \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} V \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \text{ ______ } [V]$$

Exemplos:

/'mèbè/ → ['^mmèbè] 'porco selvagem, queixada'

/'màdè/ → ['^mmàdè] 'outro'

Os aproximantes /y/ e /r/, quando seguirem uma vogal nasal no fim de uma sílaba, se nasalizam. Vejamos a regra RF7.

$$\text{RF7)} \begin{bmatrix} +\text{son} \\ -\text{sil} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} +\text{nas} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} \text{V} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \text{ --- } \$$$

Exemplos:

$$\begin{array}{lll} /i'kõr/ & \rightarrow & [i'kõr̃] \quad \text{'gavião'} \\ /'mõy/ & \rightarrow & ['mõỹ] \quad \text{'mandioca'}$$

b) A nasalização antecipatória, quando é iniciada por consoante, normalmente não afeta mais do que uma vogal, afetando também um aproximante não silábico que esteja entre a consoante iniciadora e a vogal afetada; além disso, ela é mais fraca do que a iniciada por vogal. Esta continua afetando quaisquer segmentos que não a bloqueiem, ou seja, os $[-\text{cons}]^6$, vindo a parar somente quando encontra um segmento bloqueador, ou seja $[\text{+cons}]$ (que não seja nasal). As regras RF8 e RF9 dão conta deste caso.

$$\text{RF8)} \begin{bmatrix} +\text{sil} \end{bmatrix} \left(\begin{bmatrix} -\text{sil} \\ -\text{cons} \end{bmatrix} \right) \rightarrow \begin{bmatrix} +\text{nas} \end{bmatrix} / \text{ --- } \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{nas} \end{bmatrix}$$

Exemplos:

$$\begin{array}{lll} /mò?+'lĩn/ & \rightarrow & [mò'ĩ̃n] \quad \text{'folha'} \\ /àr'máey/ & \rightarrow & [ãr'máeỹ] \quad \text{'espécie de abelha'} \\ /kòrà'náb/ & \rightarrow & [kòrà'náb̃] \quad \text{'avião'}$$

$$\text{RF9)} \begin{bmatrix} -\text{cons} \\ +\text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} +\text{nas} \end{bmatrix} / \text{ --- } \begin{bmatrix} +\text{sil} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{l} \# \\ [-\text{nas}] \end{array} \right\}$$

Condição: recursiva até encontrar segmento $[\text{+cons}]$ ou $\#$

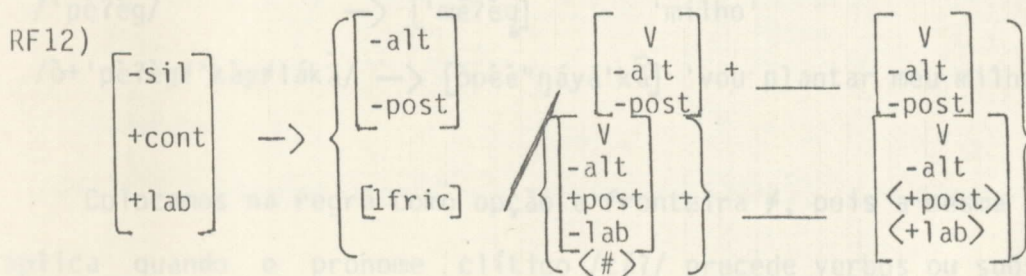
Exemplos:

$$/òwèy'wã/ \rightarrow [òwèỹ'wã] \quad \text{'eu falo'}$$

Exemplos:

- /l̥ò'bó/ → [θò'bó] ~ [θl̥ó'bó] ~ [l̥ò'bó] 'cobra'
- /mòʔ+'l̥ín/ → [mò'l̥ín] ~ [mò'θl̥ín] ~ [mò'θl̥ín] 'folha'
- /ònʔ+'l̥éràd/ → [ò'l̥éràd] ~ [ò'ðéràd] 'meu neto'
- /ònʔ+'l̥ánò/ → [ò'ðán:ò] ~ [ò'ðl̥án:ò] ~ [ò'l̥án:ò] 'meu primo'
- /y̥ɨr'y̥ɨr/ → [y̥ɨr'y̥ɨr] ~ [y̥ɨr'y̥ɨr] ~ [s̥ɨr's̥ɨr] 'urubu'
- /'y̥éy+à/ → ['z̥éyà] ~ ['y̥éyà] ~ ['y̥éyà] 'piranha'
- /'wáɬà/ → ['wáθà] ~ ['wáθl̥à] ~ ['wáɬà] 'anta'

8) O aproximante labial tem variantes condicionadas pelo ambiente. Depois da vogal /a/ e antes de /e/ no início do morfema, ou antes de /o/ no início da palavra, ele se torna levemente fricativo. Entre duas vogais [-alt, -post], no início do morfema, ele perde os traços [+alt] e [+post]. A regra RF12 dá conta disto.



Exemplos:

- /à+'wéy/ → [à'wéy] 'ele toma banho'
- /è+'wéy/ → [è'wéy] 'você toma banho'
- /à+wè'bá/ → [àwè'bá] 'ele está inchado'

/è+wè'bá/ → [èʋè'bá] 'você está inchado'
 /'wóbá/ → ['wóbá] 'ventoso'

9) Ao contrário de Bontkes e Bontkes (1978), consideramos a oclusiva glotal como um elemento distintivo na língua Suruí, pois, embora sendo eliminável (por regra) na maioria dos ambientes em que ocorre superficialmente, ela influi em certos processos como elemento bloqueador, constituindo-se assim em fonema distinto na estrutura profunda⁷. Ocorre em várias situações, entre outras separando duas vogais iguais do mesmo tom, em palavras dissilábicas. Quando estas palavras são combinadas com outras que as seguem em locuções, a oclusiva glotal se perde. Formulamos para isto a regra RF13.

RF13) $\begin{bmatrix} -\text{cons} \\ -\text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} V \\ \alpha\text{ponto} \\ \beta\text{tom} \end{bmatrix} \text{ — } (\neq) \begin{bmatrix} V \\ \alpha\text{ponto} \\ \beta\text{tom} \end{bmatrix} \$ X$

Exemplo:

/'pèʔèg/ → ['mēʔèg] 'milho'
 /ò+'pèʔèg#'kày#lákã/ → [òpèè"ŋáyá'kã] 'vou plantar meu milho'

Colocamos na regra como opção a fronteira ≠, pois a mesma regra se aplica quando o pronome clítico /táʔ/ precede verbos ou substantivos iniciados em /á/, tenha esta vogal tom alto inerente ou adquirido por regra (v. seção IVB-5bv e 5c).

Exemplos:

/táʔ#ákàr/ → ['táákàr] '(alguém) os morde'

/táʔ#`àdò/ → [táádò] 'cesta deles' (v. seção III.A)

Entre vogais não homorgânicas a oclusiva glotal se perde opcionalmente. Para isto serve a regra RF14.

RF14) $\begin{bmatrix} -\text{cons} \\ -\text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow (\emptyset) / \begin{bmatrix} V \\ \alpha\text{tr} \end{bmatrix} \text{ --- } \begin{bmatrix} V \\ \beta\text{tr} \end{bmatrix}$

Exemplos:

/`óʔèn/ → [`óʔèn] ~ [`óèn] 'eu' (pronome livre)

/`pàʔèn/ → [`pāʔèn] ~ [`pāèn] 'nós [+1 +2]' (pronome livre)

Quando entre vogais homorgânicas de tom idêntico a glotal é perdida, desaparece também a divisão silábica, isto é, as duas sílabas se fundem numa só (v. seção III.A). A regra RF15 dá conta disto.

RF15) $\$ \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} V \\ \alpha\text{ponto} \\ \beta\text{tom} \end{bmatrix} \text{ --- } \left(\begin{matrix} \neq \\ + \end{matrix} \right) \begin{bmatrix} V \\ \alpha\text{ponto} \\ \beta\text{tom} \end{bmatrix}$

Exemplos:

/ò+\$`pè\$ʔèg#\$`kây#lá\$`kã/ → [òspèè\$`ŋáy\$á\$`kã] 'vou plantar meu milho'

/`pè\$ʔèg#\$`kây/ → [mèè\$ŋãỹ] 'milho tostado'

Esta regra serve também para vogais homorgânicas contíguas diferentes das que surgem pela elisão da glotal, ou seja, as que já se acham contíguas na estrutura profunda e as que surgem pela elisão do /n/ e/ou pela assimilação das vogais iniciais de verbos e substantivos com

as vogais dos pronomes proclíticos ou dos prefixos pessoais (v. seção IVB-5bi e ii e 5c).

Exemplos:

/òn#'\$á\$àr/	→	['óó\$àr]	'(alguém) me morde'
/è+\$à\$'jì\$ã/	→	[èè\$'jì\$ã]	'você espirra'
/'í\$í\$í/	→	['ííí]	'árvore'

10) O fonema /e/ se realiza como [e] ou [ɛ] e, diante de segmento nasal, como [ẽ] ou [ɛ̃]. (Note-se que diante de # ou consoante não nasal, quando o ambiente não pede a aplicação da regra RF5, [ɛ̃] é realização do fonema nasal /ẽ/.)

Exemplos:

/'é?èñ/	→	['é?èñ]	'você' (prônimo livre)
/èn#'\$kày/	→	[é'ñây]	'para você' (ideofone)
/è+'wéy/	→	[è'ðéy]	'você toma banho' (ideofone)
/èn#'\$tì/	→	[é'ñí]	'tua mãe' (ideofone)
/'ké\$èñ/	→	['ké\$èñ]	'lagartixa' (ideofone)
/èn#'\$lérég/	→	[è'lerég]	'tua roupa, pele'

b) O mesmo acontece com seqüências de oclusivas sonoras.

D) Fonologia dos ideofones e palavras de origem imitativa

Até aqui temos descrito a fonologia do Suruí sem incluir os ideofones e palavras de origem imitativa. Não podemos, obviamente, dar uma descrição completa dos ideofones e palavras de origem imitativa,

pelo próprio caráter destes e por causa do conhecimento limitado que temos da língua Suruí. Mesmo assim, há certos fenômenos que podem ser descritos como desvios da fonologia "normal" da língua, como por exemplo seqüências de sons não permitidas a não ser nos ideofones e palavras de origem imitativa, ou ocorrência de sons em ambientes diferentes do "normal", ou mesmo de certos sons que não fazem parte do sistema fonológico "normal" da língua. O sistema fonológico normal é a parte da fonologia que pode ser descrita sistematicamente, sem que haja necessidade de se abrir muitas exceções definidas em função de classes lexicais particulares.

1) Vejamos em primeiro lugar as seqüências:

a) Nasal mais consoante não vozeada parece não ocorrer a não ser em ideofones ou palavras de origem imitativa formados por reduplicação.

Exemplos:

/'yín'yíná/	→ ['šín'šíná]	'aspirar' (ideofone)
/'tón'tóná/	→ ['tón'tóná]	'bater com mão de pilão'
		(ideofone)
/'cǎŋcǎŋ/	→ ['cǎŋcǎŋ]	'espécie de formiga'

b) O mesmo acontece com seqüências de oclusivas sonoras.

Notas

Exemplos:

/'gíd'gídá/ → ['gíd'gídá] 'beber' (ideofone)

/'bíg'bígá/ → ['bíg'bígá] 'espécie de nambu'

2) Parece ser só nestes tipos de palavras também, que o /i/ aparece em sílaba que não seja a última do morfema ou seguido de (/y/, /ʔ/ ou /r/ mais) outro /i/. Traço [aba] para distinguir /o/ das outras vogais, por não ter o ser [i] também na descrição das consoantes e de certos fonemas e estas.

Exemplos (além dos dados acima):

/'míŋ'míŋá/ → ['míŋ'míŋá] 'pestanejar' (ideofone)

[pʔi:tʔig] 'som de matar tatu'

3) Além disto, há sons que não fazem parte do sistema fonológico da língua. O som /y/ tem um comportamento um tanto ambíguo: de um lado se comporta com as seguintes [ra] [ra] [ra] [ra] e /ʔ/ ao não bloquear a nasalização, e de outro lado, quando ocorre, é seguido por /i/ do outro lado.

Exemplos:

[dlɔ:of] 'som de algo caindo'

[M M M] 'imitação de porcos'

[pʔi:tʔig] 'som de matar tatu'

[ʔʔʔʔʔ] 'grito de porco'

[waaaa] 'som de porco correndo'

Notas

1. Consideramos como fonemas distintos, além dos descritos por Willem e Carolyn Bontkes (1978), a oclusiva glotal e as vogais nasais, considerando, portanto, que o traço nasal das vogais, quando não resultante de regra, é característica inerente destas.
2. Usamos este termo para as vogais subjacentemente nasais; há também vogais nasalizadas por regra, conforme veremos mais adiante.
3. Preferimos usar o traço [labial] para distinguir /o/ das outras vogais, por este traço nos ser útil também na descrição das consoantes e de certos fatos relacionados a estas.
4. Aproveitamos a idéia de Ladefoged (1971) de juntar vogais, líquidos e glides numa classe chamada de "aproximantes", por esta nos ser útil na descrição de certos fenômenos que ocorrem na língua Suruí. Os aproximantes têm como traço distintivo [+cont], pois todos os segmentos subjacentemente contínuos do Suruí são aproximantes.
5. O fonema /y/ tem um comportamento um tanto ambíguo: de um lado se alinha com os segmentos [-cons] /w/, /r/ e /ʔ/ ao não bloquear a nasalização antecipatória, sendo, pelo contrário, afetado por ela; do outro lado se agrupa com os segmentos [+cons] /j/, /y/ e /l/ na distribuição dos seus alofones, na palatalização dos laterais e na sonorantização dos aproximantes não vozeados. Este fonema tem duas origens, como verificamos ao compararmos palavras que o contêm com suas correspondentes em Cinta-Larga (v. capítulo V, e nota 1 do apêndice A).
6. O fonema /ʔ/ está incluído nesta classe, como deve estar, pois embora não seja possível nasalizá-lo, pela configuração do aparelho fonador, a nasalização não é bloqueada ao encontrá-lo.

7. É possível que a oclusiva glotal venha a perder sua distintividade, vindo a fronteira silábica \$ a tomar o seu lugar; por enquanto, porém, a descrição dos fenômenos é mais viável quando a aceitamos como fonema distinto, quando interna a morfemas, no fim de /tá?/ e outros morfemas que não provocam o vozeamento de consoantes iniciais de morfemas com os quais venham a formar palavras compostas, e no início de morfemas monossilábicos e certos outros morfemas diante de vogais. Excluimos as glotais usadas para enfatizar divisão de sílabas e as iniciais e finais de sentenças ou "grupos de pausa".

postulamos que estas sílabas longas contêm seqüências de duas vogais que na estrutura profunda pertencem a duas sílabas. Temos então, na estrutura profunda, padrões silábicos CV, V, CVC e VC, dos quais se originam as sílabas superficiais CW, W, CWVC e WVC por um processo de redução silábica que já vimos ser necessário no final do capítulo anterior (cf. RM5, na página 17 acima).

Quando um marcador de pessoa tem terminação em vogal na estrutura profunda ou depois da eliminação de /h/ (cf. RM13 adiante) é seguido de /h/ inicial de tema que se elimina (conforme RM15 adiante), a fronteira silábica é eliminada. A regra RM16 dá o resultado correto:

III. A sílaba; suas características em construções maiores

A) Padrões silábicos profundos e superficiais; justificção para eliminaçção da fronteira silábica §

Verificamos que na língua Suruí certas sílabas são mais longas que outras. Em muitos casos se comprova que estas se originam de duas sílabas que se fundem numa só pela assimilação de vogais e/ou pela elisão da consoante que as separa na estrutura profunda. Sendo assim, e considerando que:

1) se postulássemos vogais longas na estrutura profunda teríamos 39 fonemas em lugar de 29 e deveríamos introduzir o traço [+longo] (ou talvez [+tenso]) na descrição fonêmica;

2) se as postulássemos na estrutura superficial, teríamos maior número de fones e maior número de regras para dar as variações;

3) se postulássemos sílabas longas (de duas vogais) na estrutura profunda, teríamos oito padrões silábicos em lugar dos quatro que damos abaixo;

postulamos que estas sílabas longas contêm seqüências de duas vogais que na estrutura profunda pertencem a duas sílabas. Temos então, na estrutura profunda, padrões silábicos CV, V, CVC e VC, dos quais se originam as sílabas superficiais CVV, VV, CVVC e VVC por um processo de redução silábica que já vimos ser necessário no final do capítulo anterior (cf. RF15, na página 17 acima).

Quando um marcador de pessoa que termina em vogal na estrutura profunda ou depois da eliminaçção do /n/ (cf. RM13 adiante) é seguido de /i/ inicial de tema que se assilaba (conforme RM15 adiante), a fronteira silábica é eliminada. A regra RF16 dá o resultado correto:

RF16) \$ \rightarrow \emptyset / [V] \begin{cases} \neq \\ + \end{cases} \begin{bmatrix} -cons \\ -sil \\ +alt \end{bmatrix}

Exemplos:

/òn#'\$í\$kin/ \rightarrow ['óy\$kin] '(alguém) me vê'
 /èn#'\$ì\$'kááb/ \rightarrow [èy\$'kááb] 'dente de você'
 /ò+#'\$í\$yò/ \rightarrow ['ōy\$šò] 'meu próprio retrato'

B) Tom e acentuação; considerações de ritmo

1) A língua Suruí é tonal. Há poucas palavras que se distinguem entre si somente pelo tom, mas mesmo assim existe a necessidade de se considerar o tom como uma característica importante desta língua.

Na superfície percebemos quatro tons que, na estrutura profunda, se reduzem a dois. Foneticamente temos tom extra-alto [V̄], alto [V], médio [V̄] e baixo [V] com os traços, [4ALT], [3ALT], [2ALT] e [1ALT], respectivamente; podemos mostrar que estes tons resultam da ação da acentuação sobre dois tons distintivos /V/ [+ALT] e /V/ [-ALT]¹.

a) Tom [+ALT] (alto).

Se considerarmos como "normal" o tom alto fonético [3ALT], que é o que ocorre em sílabas acentuadas em que não se percebe interferência dos padrões intonacionais, podemos dizer que há duas situações em que o tom alto é alterado: sua altura é maior do que a normal (extra-alto) quando a sílaba que o levar tem acento dois, a não ser que esta sílaba venha seguida de pausa, caso em que a elevação muitas vezes não se observa, pois parece ser compensada pela queda da entoação que ocorre em certas orações². Quando a sílaba (átona) que levar o tom alto preceder outra alta que for acentuada, o tom é abaixado para médio. Sílabas tônicas com acento simples e pós-tônicas altas precedidas por tônica ou outra

pós-tônica alta se mantêm na norma, isto é, simplesmente altas. As regras RT1 e RT2 dão conta destas variações, e a regra RT3 estabelece a norma. (ac = acento)

RT1) [+ALT] → [4ALT] / [2ac]

RT2) [+ALT] → [2ALT] / [0ac] \$ $\left[\begin{array}{c} +ALT \\ \{ [1ac] \\ [2ac] \} \end{array} \right]$

RT3) [+ALT] → [3ALT] / $\left\{ \left[\begin{array}{c} +ALT \\ \{ [1ac] \\ [2ac] \} \end{array} \right] \begin{array}{c} [1ac] \\ [0ac] \end{array} \left(\begin{array}{c} \$ \\ [0ac] \end{array} \right) \right\}$

Exemplos:

/õn#']òb#î'kõr#'kânè/ → [ó'l:õb'îkõr''õãñ:è] 'meu pai quer um gavião'

/ká'lér/ → [kã'lér] 'borboleta'

/'párá/ → ['párã] 'nome próprio'

b) Tom [-ALT] (baixo).

Este se manifesta como alto [3ALT] quando a sílaba em que ocorre tem acento dois (e não é seguida de pausa); quando tem acento um o tom se manifesta como médio [2ALT] e quando não é acentuada, ele ocorre como baixo [1ALT]. Neste caso achamos melhor dizer que a norma é não acentuada porque, quando houver uma ou mais sílabas de tom alto numa palavra, normalmente é esta ou uma destas que leva o acento, a não ser que seja um proclítico. As regras RT4 e RT5 dão conta das variações, e a regra RT6 estabelece a norma.

RT4) [-ALT] → [3ALT] / [2ac] não ser' quando constituem o

RT5) [-ALT] → [2ALT] / [1ac] na sentença, caso em que o acento é de grau 2 [2ac].

RT6) [-ALT] → [1ALT] / [0ac] da sentença]

Exemplos:

/'jíkìb# 'kátà#lákā/ → ['jíkìbŋā"tálá'kā] 'vou cortar borracha'

/'mèbè/ → ['mē^mbè] 'porco selvagem, queixada'

/mòò'bò/ → [mòò^m'bō] 'cachoeira'

/yí'bòr/ → [s'í'bōr] 'coati'

2) Acento

Embora, a nível de palavra, o acento normalmente coincida com sílaba de tom alto, a acentuação é significativa na língua Suruí, não só porque nem sempre esta coincidência se verifica, ou porque há palavras que não têm nenhuma ou têm mais do que uma sílaba de tom alto, ou ainda porque o acento influi na altura superficial do tom, mas também porque, além de não haver como predizer onde cairá o acento nestas circunstâncias, o acento de uma palavra pode causar o deslocamento do acento de outra para que se obtenha, dentro de certos tipos de sintagmas, um ritmo de alternância de sílabas acentuadas e não acentuadas. Além disto, há enclíticos que causam a transferência do acento do verbo para a última sílaba deste, e parece também haver um reajuste do acento quando o predicado for composto de dois verbos, assim como em verbos ideofônicos que vêm seguidos de sujeito mais tempo. Distinguimos três graus de acento: sílabas átonas têm acento zero [0ac],

sílabas tônicas têm acento um [1ac], a não ser quando constituem o núcleo fonológico da sentença, caso em que o acento é de grau 2 [2ac]. Vejamos a regra RA1.

RA1) [1ac] → [2ac] / [núc.fonol.da sentença]

O núcleo fonológico da sentença coincide com a sílaba acentuada do verbo ou do ideofone em função de predicado; mas, se o verbo for seguido por um enclítico ou o ideofone for seguido por sujeito independente com marcador de tempo, o acento se desloca para a última sílaba do verbo ou ideofone (cf.b.ii adiante).

Exemplos:

/òñ#kó#è'mà#è+káá#mã/ → [ò'ḡóè'mãè"káámã] 'vá falar por mim'

/'gídá#ò#jé/ → [gĩ"dãò'jé] 'eu engoli'

/ò+ma+mà'kááb#'kày#lá'ká/ → [òmàmà'kááb"káyá'ká] 'vou plantar meu
amendoim'

Quando o verbo tem mais de duas sílabas, as sílabas não contíguas à última mantêm seu acento lexical, de modo que verbos cujo acento lexical se acha na antepenúltima ou na pré-antepenúltima, exibem dois acentos quando seguidos por enclíticos, sendo o último deles o núcleo fonológico da sentença, conforme veremos em b.ii adiante.

Exemplos:

/ð+'kér#bé#'kânè+'yítèr#ládé#à'ní#'é/ → [ð'ké^hré'kân:èyĩ'té^hrá'dāné]
'estou com muito sono'

a) Quanto à posição da sílaba acentuada na palavra, esta parece ser livre, com talvez uma única condição para acentuação nas sílabas finais de tom baixo na presença de outras (não proclíticas) de tom alto. Estas parecem só poder ser acentuadas se forem sílabas fortes, isto é, se forem longas ou fechadas. Se o acento provier dos deslocamentos acima citados, que descreveremos mais a fundo logo abaixo, esta condição não é necessária.

Exemplos:

/'ífcèr/	→ ['ífc ^h èr]	'água (em vasilha)'
/ká'jár/	→ [ká'jár]	'arara'
/yí'bòr/	→ [yí'bòr]	'coati'
/'wàlèd/	→ ['wàl:èd]	'mulher'
/ì'kòr/	→ [ì'kòr]	'gavião'
/'lérég/	→ ['lérég]	'roupa, pele'
/mòò'bò/	→ [mòò ^m 'bò]	'cachoeira'
/'mókòbà/	→ ['mókòbà]	'banana'
/mò'kóóbà/	→ [mò'kóóbà]	'coruja'
/màyyí'tér/	→ [màyyĩ'tér]	'mais, de novo'
/màkò'bá/	→ [màkò'bá]	'(alguém) o ensina'

/ná'bè+kòd/	→	[nã ^m 'bēkòd]	'facão'
/à'bíyákór/	→	[ã'bíšákór]	'espécie de ave'
/'álà+'kár bá/	→	['áìà'kárbá]	'lâmpada (olho-dia)'

b) O acento dois pertence às unidades sintáticas maiores, mais especificamente às sentenças. Como a sintaxe da língua Suruí foi pouco estudada e ainda não está descrita, podemos dar aqui só algumas noções sobre o que acontece nessas unidades, mais especificamente sobre os deslocamentos de acento observados.

i) Reajuste do acento por considerações de ritmo.

Dentro do sintagma verbal (OV ou V-partícula-V), dentro dos sintagmas genitivos e em verbos intensificados com /'yítèr/ ~ /'ítèr/, há um reajuste do acento para estabelecer um ritmo de alternância de sílabas acentuadas e não acentuadas, que não ultrapassa os limites dos sintagmas em que se verificam. A regra RA2 dá o resultado correto.

RA2)

$$[[\alpha ac] \$ [-\alpha ac]] \rightarrow [[-\alpha ac] \$ [\alpha ac]] \left\{ \begin{array}{l} \$ [[-\alpha ac] \$ [\alpha ac]] \\ \left\{ \begin{array}{l} [\text{Sint. Verbal}] \\ [\text{Sint. Genitivo}] \end{array} \right\} \\ \left\{ \begin{array}{l} [-\alpha ac] \$ [\alpha ac] \\ [\text{Sint. Verb. Int.}] \end{array} \right\} + [\text{Int.}] \end{array} \right\}$$

onde, se α for 1, $-\alpha$ é 0 e vice-versa.

Exemplos:

/'mámìg#l'érég#mà'ǎ/ → ['mámìg|ē'régà"ǎ] 'a criança pega a roupa'

/ò+'tì#íkin#bé#'kánè/ → [ò'tíí'kīnē"kan:è] 'quero ver minha mãe'

/kà'kír+ítèr/ → [kà'kírí'tēr] 'muito gostoso'

/'mèbè#ì'kááb/ → [mē^m'bēì'kááb] 'dente de porco'

ii) Reajuste do acento diante de enclíticos e em verbos ideofônicos quando seguidos de sujeito mais tempo.

Diante de enclíticos, que parecem poder ser considerados como marcadores de aspecto após um verbo, e diante do verbo auxiliar -jé que segue um ideofone o acento do verbo ou do ideofone se transfere para sua última sílaba. A regra RA3 dá os resultados que devemos obter, levando em consideração o que mencionamos acima a respeito dos verbos polissilábicos.

$$\text{RA3)} \quad (X) \left\{ \begin{array}{l} [1ac] \\ [0ac] \end{array} \right\} \$ [0ac] \rightarrow (X) [0ac] \$ [1ac] / \left[\begin{array}{c} \text{Verbo} \\ \langle \text{ideof} \rangle \end{array} \right] \left\{ \begin{array}{l} \neq \text{Asp} \\ \langle \# \text{Aux} \rangle \end{array} \right\}$$

Exemplos:

/'jíkìb# 'kátà#lákã/ → ['jíkìbηã"tálá'kã] 'vou cortar borracha'

/mòò'rògà#ò# 'jé/ → [mòòrò"gáò'jé] 'eu andei mancando'

/ò+'tì# 'íkìn#bé# 'kánè+'yítèr#ládé#à'ní#é/ →

[ò'tìí'kĩné'kán:èyì"térá'dāné] 'queria muito ver minha mãe'

Notas:

1. Usamos letras maiúsculas para distinguir [ALT] referente ao tom de [alt] referente à qualidade das vogais ou consoantes.

2. A entoação ainda não pôde ser estudada em detalhe, razão por que seus efeitos não serão discutidos neste trabalho. Em linhas gerais, nas sentenças afirmativas e negativas se percebe uma queda de entoação, e nas interrogativas e imperativas uma elevação, sempre na última sílaba.

IV. Morfofonologia

A) Fronteiras

Verificamos a necessidade de considerar três tipos de fronteiras morfológicas com conseqüências para a fonologia. São estas:

a) A fronteira de morfema entre morfemas que formam uma palavra, em combinações de prefixo e raiz (nominal ou verbal), raiz (nominal) e raiz (nominal ou verbal), estas últimas quando consagradas pelo uso como compostas¹, e raiz (nominal ou verbal) e sufixo, fronteira esta representada pelo sinal +.

b) A fronteira de clítico entre pronome proclítico e verbo ou substantivo, e entre verbo e marcador de aspecto enclítico, representada por #.

d) A fronteira de palavra entre palavras ou entre pausa e palavra, representada por #, respectivamente ##.

Verificamos que o objeto do verbo transitivo corresponde ao possuidor não reflexivo do substantivo, enquanto o sujeito do verbo intransitivo corresponde ao possuidor reflexivo. Para simplificar, caracterizamos tanto o verbo intransitivo como o substantivo possuído reflexivamente com o traço [+refl] e o verbo transitivo tanto como o substantivo possuído não reflexivamente, com o traço [-refl].

B) Mudanças Morfofonêmicas

Observamos que entre palavras, entre partes de palavras compostas e entre clítico ou prefixo e verbo ou substantivo, ou mesmo dentro de certos morfemas, ocorrem mudanças morfofonêmicas como elisão,

neutralização de contraste fonético entre fonemas, e outras. Damos abaixo uma descrição das mudanças observadas.

1) Em limite de palavras (fronteira #).

a) Elisão de labiais e aproximantes não labiais.

Palavras que iniciam com /m/ ou /w/ perdem esta consoante inicial quando seguem palavras terminadas em elemento assilábico vozeado. O mesmo acontece com /l/ e /y/, pelo menos quando seguirem /r/, /n/, ou /y/. Não temos exemplos destes fonemas seguindo outras consoantes, a não ser em ideofones ou derivações. O /b/ da partícula /be/ que liga dois verbos numa locução verbal também desaparece nas mesmas circunstâncias. A regra RM1 dá conta desta elisão.

$$\text{RM1) } \left[\begin{array}{l} -\text{sil} \\ +\text{voz} \\ \langle -\text{lab} \rangle \\ \langle \langle -\text{son} \rangle \rangle \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \begin{array}{l} \times \\ [+ \text{acento}] \end{array} \left[\begin{array}{l} -\text{sil} \\ +\text{voz} \\ \left\{ \begin{array}{l} \# \\ \neq \end{array} \right\} \end{array} \right] \langle +\text{cont} \rangle \langle \langle e\# [\text{Verbo}] \rangle \rangle \quad 2$$

Exemplos:

- / 'l̥érég#mà' ?ã / → [l̥é'régà" ?ã] 'pegar roupa'
 / 'ñépíb#wá / → [ñépíbā] 'Nhepib (voc)'
 / i+'tór#mà' ?ã / → [i'córà" ?ã] 'levar nas costas'
 / wà' lóy# 'kàr#lákã / → [wà' lóy" kárākã] 'vou procurar tatu'
 / 'mèbè+' jín# 'yáb / → ['mèbè' jínáb] 'flecha c/pelo de porco'
 / ηà' tòy#wá / → [ηà' tōyā] 'Gatoy (voc)'
 / ò+'pè?èg# 'kày# 'lákã / → [òpèè" ηáyá' kã] 'vou plantar meu milho'
 / ò+'kér#bé# 'kánè / → [òkéré" kân:è] 'quero dormir'

b) Sonorantização.

i) Consoantes não vozeadas iniciais se sonorantizam depois de palavras terminadas em consoante vozeada. Vejamos a regra RM2.

$$\text{RM2) } \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ -\text{voz} \end{bmatrix} \rightarrow [+son] / \begin{bmatrix} [-\text{cons}] \\ +\text{cor} \\ +\text{cons} \\ +\text{voz} \end{bmatrix} \# \text{ ______}$$

Exemplos:

/'wālèd#pîg/	→	['wālèdmîg]	'menina (mulher-pequena)'
/'l̥àb#l̥ín/	→	['l̥āb'l̥ín]	'palha para teto (casa-cabelo)'
/mà'kór#kàd/	→	[mà'kórŋàd]	'taquaral'
/ò+má'lód#tír/	→	[ò'málód'nír]	'cozinhar minha comida'
/'mààm#téq/	→	[mààm'nég]	'larva de castanheira'
/'l̥érég#yáb'ááb/	→	[l̥e'régýāb'ááb]	'rasgo na roupa'

ii) No caso das oclusivas, quando se tornam nasais de acordo com a RM2, a consoante vozeada que as precede pode, opcionalmente, se tornar nasal também. Vejamos como isto pode ser formalizado na regra RM3.

$$\text{RM3) } \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{voz} \end{bmatrix} \rightarrow ([+\text{nas}]) / \text{ ______ } \# \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \end{bmatrix}$$

Exemplos:

/'ŋób#káb/	→	['ŋóm'ŋáb] ~ ['ŋób'ŋáb]	'semente de algodão'
/'jíkìb#kátà/	→	['jíkìm'ŋãt:à] ~ ['jíkìb'ŋãt:à]	'cortar borracha'

iii) Quando a RM2 é aplicada a uma consoante que tiver ponto de articulação comum com a consoante precedente, a RM3 é obrigatória, e além disso as duas nasais homorgânicas se fundem numa só. Formalizamos isto na regra seguinte:

$$\text{RM4) } \begin{bmatrix} +\text{nas} \\ \alpha\text{ponto} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \text{ ______ } \# \begin{bmatrix} +\text{nas} \\ \alpha\text{ponto} \end{bmatrix}$$

Exemplos:

/ò+'pè?èg# 'kây# 'lákã/ → [òpèè'ŋáyá'kã] 'vou plantar meu milho'

/'pè?èg# 'kây/ → [mèè'ŋã] 'milho tostado'

iv) Coisa semelhante parece poder ocorrer entre /d/ e /l/.
 Os exemplos que temos são só de nomes próprios, porém, e deveríamos achar outros para concluir que isto ocorre normalmente. Tentativamente, montamos as regras RM3a e RM4a para acomodar esta possibilidade.

RM3a) $\left[\begin{array}{l} +\text{cons} \\ +\text{voz} \end{array} \right] \rightarrow ([+\text{son}]) / \text{---} \# \left[\begin{array}{l} +\text{cons} \\ +\text{son} \end{array} \right]$

RM4a) $\left[\begin{array}{l} +\text{son} \\ \alpha\text{ponto} \\ \beta\text{cont} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \text{---} \# \left[\begin{array}{l} +\text{son} \\ \alpha\text{ponto} \\ \beta\text{cont} \end{array} \right]$

Exemplos:

/pò'píd# 'láj' bátê/ → [mò'pídā'bátê] 'nome próprio'

/'wàlèd# 'lájáb/ → [wàlè'díáb] 'nome próprio'

v) As consoantes não vozeadas iniciais de palavras pertencentes à classe A³ se sonorantizam quando precedidas de pausa. A regra RM5 dá conta disto:

RM5) $\left[\begin{array}{l} +\text{cons} \\ -\text{voz} \end{array} \right] \rightarrow [+son] / \text{---} \# \# \left[\text{---} \right] [+classe A]$

Exemplos:⁴

/'káò/ → [ŋáò] 'estação seca, ano'

/'lérég/ → [lérég] 'pele, roupa'

/tì'tí/ → [nì'tí] 'cestinha'

/ká'rá/	→	[ŋā'rā]	'mato'
/pè'tõ/	→	[mè'tõ]	'cesta grande, simples'
/'pè?èg/	→	['mè?èg]	'milho'
/tá'bèkòd/	→	[nā ^m bèkòd]	'facão'
/'l̥àb/	→	['l̥āb]	'casa'

c) Palatalização.

Quando uma palavra termina em /y/, a palavra iniciada em consoante coronal que a seguir terá esta consoante mudada para a palatal correspondente. Para isto montamos a regra RM6.

$$\text{RM6) } \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{cor} \end{bmatrix} \rightarrow [+alt] \ / \ \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{alt} \\ -\text{post} \end{bmatrix} \# \text{ ______}$$

Exemplos:

/mò'káy#'nĩŋ/ → [mò'káy^{nĩ}ŋ] 'fumaça (fogo-fumaça)'

/wà'lóy#'tór#'wérá/ → [wà'lóy^{cõ}ré'rā] 'andar, carregando tatu nas costas'

/mò'káy#'l̥ìbò+'ób/ → [mò'káy^{s̥}ìbò'ób] 'gasol (fogo-chama-vermelho)'

d) Elisão de vogais.

Em velocidade normal de fala, quando há um encontro de duas vogais na fronteira entre duas palavras, a primeira destas vogais é elidida. Este fenômeno não deve ser confundido com a assimilação de vogais que ocorre entre prefixo ou clítico e verbo ou substantivo. Ali, a última vogal se torna homorgânica à primeira, mas não se elimina, enquanto aqui a vogal desaparece sem deixar vestígio. A regra RM7 dá conta deste fenômeno.

RM7) [V] → ∅ / _____ # [V]

Exemplos:

/kànà'tér#'én#kà#è+'tágõ/ → [kànà'térégè'tágõ] 'você está cansado?'

/ò+'jé#'íkày#é/ → [òj'íkàyé] 'falei para ele'

/kò'kó#dé#à+'wérá#é/ → [kò'kódà'wéré] 'Koko estava andando'

/'nân#'átè#ì'ná#én#kábí/ → ['nân"ãtìnē'ηábí] 'o que ele é de você?'

/'nân#'ãã+mà#à'ná/ → ['nânãmã'ná] 'o que é isto?'

/'nân#'ãñó+mà#ì'ná/ → ['nânãñómì'ná] 'o que é aquilo?'

2) Vozeamento em limite de morfema (fronteira +).

Verificamos que entre morfemas que se juntam numa palavra ocorre o vozeamento da consoante inicial do segundo morfema, se o primeiro terminar em vogal. Os exemplos mais claros são compostos do morfema /'jò/ 'comida, coisa, lua, deus', com algum verbo ou substantivo. Como foneticamente sempre há uma oclusiva glotal em palavras terminadas em vogal quando pronunciadas em isolamento, e como nem sempre o vozeamento ocorre, postulamos uma glotal subjacente nas raízes nominais que não provocam o vozeamento⁵. Isto parece em pelo menos um caso concordar com o Guarani antigo. Por exemplo: /ŋà?/ 'roça' em Suruí corresponde a /kog/ em Guarani antigo, e nenhuma consoante final está registrada no Tupinambá, que talvez tivesse /ko?/ em vez de /ko/ (na época em que o Tupinambá foi registrado não se escrevia a glotal). A correspondência normal entre Tupinambá e Guarani antigo é entre /k/ e /g/ finais, e o caso acima estava sendo considerado excepcional até agora (informação pessoal de A.D. Rodrigues). A seguinte regra dá conta do vozeamento:

RM8) $[C] \rightarrow [+voz] \begin{array}{l} [+sil] \\ [+ac] \end{array} + \text{---} [+sil]$ (algo pequeno)

Exemplos:

/ 'jò+ 'tágá/	→	[jò' dāgā]	'bater no pilão (comida- esmagar)'
/ 'jò+ 'tīḡá/	→	[jò' dīḡā]	'escrever (coisa-pintar)'
/ 'jò+ 'pèb/	→	[jò' bēb]	'nome próprio (coisa-preta)'
/ 'jò+ 'jìbò/	→	[jò' òlìbò]	'lunar (lua-chama)'
/ 'kà+ 'téḡ/	→	[kà' déḡ]	'larva de coco'
/ 'já+ 'tág/	→	[já' dág]	'gordo (fígado-gordo(?))'
/ 'jò+ 'kánè/	→	[jò' gán:è]	'estar com fome'

3) Elevação dentro da palavra, no diminutivo.

O diminutivo, na língua Suruí, se manifesta pelo traço $[+alt]$, que pode ser conferido a vogais e a consoantes coronais da última sílaba de verbos⁶ e substantivos, bem como ao enclítico que denota aspecto inceptivo. Podemos formalizar isto na regra RM9.

RM9) $\left(\begin{array}{c} [C] \\ [+cor] \end{array} \right) [V] \rightarrow \langle [+alt] \rangle [+alt] \begin{array}{l} / \$ \\ [+diminutivo] \end{array} \#$

Exemplos:⁷

/ 'ámàk ày/ ['ámàk ày] 'moça' → / 'ámàk ày/ ['ámàk ày] 'moça pequena'

/ kà' kór/ [kà' kór] 'bonito, gostoso (algo grande)' (uso raro) →

/ kà' kír/ [kà' kír] 'bonito, gostoso'

/ à' kà/ [à' kà] 'matar (bater)' → / à' kî/ [à' kî] 'matar (animal pequeno)'

/ã'ʔáád#tê/ [ã'ʔáát_ê] 'deitar-se' → /ã'ʔííd#tî/ [ã'ʔííd_î] 'deitar-se
(algo pequeno)'

/yà'dág/ [yà'_dág] 'violeta' → /yà'jíg/ [yà'_jíg] 'vermelho'

/'lò+'tír/ [lò'_dír] 'Sodir (nome próprio)' → /'yò+'jír/ [sò'_jír]
'Sodirzinha'⁸

4) Elisão da consoante coronal com menor tensão entre verbo e aspecto inceptivo.

a) Não diminutivo: o /d/ final é eliminado diante do /t/. A regra RM10 dá conta disto.

RM10) $\begin{bmatrix} -\text{cont} \\ -\text{nas} \\ +\text{cor} \\ +\text{voz} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \text{---} \neq \begin{bmatrix} -\text{cont} \\ -\text{nas} \\ +\text{cor} \\ -\text{voz} \end{bmatrix}$

Exemplos:

/á'nód#tê/ → [á'_nót_ê] 'por-se em pé'

/ã'ʔáád#tê/ → [ã'ʔáát_ê] 'deitar-se'

b) Diminutivo: o /t/ muda para /c/ de acordo com a regra RM9. Com isto ele se torna menos tenso que o /d/ final do verbo, que então prevalece⁹. Vejamos a regra RM11:

RM11) $\begin{bmatrix} -\text{cont} \\ -\text{nas} \\ +\text{cor} \\ +\text{alt} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} -\text{cont} \\ -\text{nas} \\ +\text{cor} \\ +\text{voz} \end{bmatrix} \neq \text{---}$

Exemplos:

/á'ñód#tî/ → [á'_ñód_î] 'por-se em pé (nenê)'

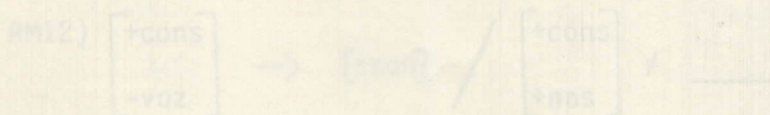
/ã'ʔííd#tî/ → [ã'ʔííd_î] 'deitar-se (algo pequeno)'

5) Em confronto com pronomes proclíticos e prefixos.

a) Os marcadores de pessoa: pronomes proclíticos e prefixos; relações entre substantivos e verbos.

Nesta seção veremos o que acontece entre sujeito ou objeto e verbo, e entre possuidor e possuído. Para deixar isto bem claro, precisamos dar o sistema de marcadores de pessoa como ocorre na estrutura profunda. Para verbos transitivos e substantivos possuídos não reflexivamente temos uma série de pronomes proclíticos que designam objeto e possuidor, respectivamente. O marcador de 3ª pessoa singular não é pronome, mas prefixo. Como os marcadores são idênticos, como também o comportamento dos substantivos e verbos, juntamos estes numa "classe" que caracterizamos pelo traço [-reflexivo], ou, abreviadamente, [-refl]. Para verbos intransitivos e substantivos possuídos reflexivamente, temos prefixos no singular e pronomes proclíticos no plural, designando sujeito e possuidor reflexivo (idêntico ao sujeito), respectivamente. Pelas razões citadas para [-refl] acima, juntamos os últimos substantivos e verbos numa "classe" caracterizada pelo traço [+reflexivo], ou [+refl]. Além disto, temos evidências para postular uma distinção entre focalização e não focalização da 3ª pessoa não só na forma dos pronomes proclíticos, como também nos efeitos que produzem. Nas seções seguintes veremos mais a respeito disto.

Damos abaixo o quadro dos marcadores de pessoa:



	Marcadores		Pronomes independentes	Traços
Pessoas	-Reflexivos	+Reflexivos		
1a sing	òn	ò-	'ò?èn	[+1]
2a sing	èn	è-	'è?èn	[+2]
3a	yì-, ì-, y-, ∅	à-	'yì?èn	[+3]
1a pl.incl	pàn	pàn	'pà?èn	[+1 +2]
1a pl.excl	tóy	tòy	'tóy?èn	[+1 +3]
2a pl	méy	mèy	'méy?èn	[+2 +3]
3a pl	tá?		'tá?èn	[+3 +3]

Podemos chamar os marcadores ò-, è-, òn, èn, pàn, de [-3foc], pois a 3a pessoa ou está ausente ou fora de foco. Podemos incluir ainda yì-, ì-, y-, ∅, marcadores de 3a pessoa [-refl], porque mesmo que a 3a pessoa esteja necessariamente presente, neste caso ela não está em foco. Por outro lado, podemos chamar tòy, mèy, túy, méy, tá?, à-, de [+3foc], pois a 3a pessoa está sempre presente e em foco.

b) Mudanças a nível segmental.

i) Depois de [+1], [+2] e [+1 +2], [-refl], e [+1 +2], [+refl].

Na superfície temos ò, è, pà, mas como estes pronomes provocam mudanças idênticas às produzidas pela regra RM2, postulamos na estrutura profunda òn, èn, pàn, e aplicamos a regra RM12, semelhante à citada, mas que se aplica só quando há nasal diante da fronteira de clítico.

$$\text{RM12) } \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ -\text{voz} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} +\text{son} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \neq \text{---}$$

Além disto, devemos eliminar a nasal, o que pode ser formalizado pela regra RM13. A regra RM15 dá conta disto.

$$\text{RM13)} \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \\ +\text{cor} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \text{---} \neq \begin{cases} [\text{Verbo}] \\ [\text{Subst}] \end{cases}$$

Exemplos:

/òn# 'pór/	→ [õ'mór]	'meu irmão'
/èn# 'tì/	→ [é'nĩ]	'tua mãe'
/pàn# 'tír/	→ [pà'nír]	'estamos com calor (lit. (algo nos cozinha)'
/èn# 'kánè/	→ [è'ɲán:è]	'(alguém) te quer'
/òn# 'lânò/	→ [õ'lân:ò]	'meu primo'
/èn# 'yígàyè/	→ [è'yígàyè]	'teu cônjuge'
/pàn# 'pí/	→ [pà'mí]	'estamos com medo'

Quando o verbo ou o substantivo inicia com vogal, a regra RM13 se aplica normalmente, após o que, quando a vogal inicial for /a/¹⁰, esta vogal se torna homorgânica da vogal do pronome. Aplicamos a regra RM14.

$$\text{RM14)} \begin{bmatrix} V \\ +\text{post} \\ -\text{alt} \\ -\text{lab} \end{bmatrix} \rightarrow [\alpha\text{ponto}] / (C) \begin{bmatrix} V \\ \alpha\text{ponto} \end{bmatrix} \neq \text{---} \$ X$$

Exemplos:

/òn# 'ákàr/	→ ['óókàr]	'(alguém) me mordeu'
/èn# 'ákà/	→ ['éékà]	'(alguém) mata (bate em) você'
/pàn# 'àdò/	→ ['pāādò]	'nosso(s) cesto(s)'

Quando a vogal inicial for /i/¹⁰, esta vogal se assilaba nas mesmas circunstâncias. A regra RM15 dá conta disto.

$$\text{RM15) } \begin{bmatrix} \text{V} \\ \text{-post} \\ \text{+alt} \end{bmatrix} \rightarrow [-\text{sil}] / (\text{C}) [\text{V}] \neq _____\$ \text{X} \quad 11$$

Exemplos:

/òn#'íkìn/	→	['óykĩ̀n]	'(alguém) me vê'
/èn#ì'kááb/	→	[èy'kááb]	'teu dente'
/pàn#'íyò/	→	['páyšò]	'nossa sombra, imagem'

ii) Depois de [+1], [+2] e [+3], [+refl].

Comparando o que foi descrito na primeira parte da seção i) com o que acontece no [+refl], vemos que na 1a e 2a pessoas do singular não há mudanças. Por isto, no caso destas, podemos postular o-, e- para a representação básica, como na superfície. Estes marcadores, mais o da 3a pessoa a- são considerados prefixos também pela ausência de efeitos sobre o tom dos verbos e substantivos, como veremos adiante.

Exemplos:

/ò+'tì#'kánè/	→	[ò'tì"kan:è]	'eu quero minha mãe'
/è+pà'kò/	→	[èpà'kō]	'você acorda'
/à+'yígàyèd#ì'cá/	→	[à'šígàyèdì'cá]	'ele (ela) com seu cônjuge'

Os elementos [+refl] iniciados em /a/ ou /i/ que seguirem os prefixos [+1], [+2] e [+3] sofrem as regras RM14 e RM15, que aqui adaptamos para incluir a fronteira +:

$$\text{RM14a)} \begin{bmatrix} V \\ +\text{post} \\ -\text{alt} \\ -\text{lab} \end{bmatrix} \rightarrow [\alpha\text{ponto}] / \# (C) \begin{bmatrix} V \\ \alpha\text{ponto} \\ [-\text{ac}] \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{l} \neq \\ + \end{array} \right\} \text{---} \$ X$$

$$\text{RM15a)} \begin{bmatrix} V \\ -\text{post} \\ +\text{alt} \end{bmatrix} \rightarrow [-\text{sil}] / (C) \begin{bmatrix} V \\ [-\text{ac}] \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{l} \neq \\ + \end{array} \right\} \text{---} \$ X \quad 11$$

Exemplos:

/ò+à'rî/ → [òò'rî] 'estou com preguiça'

/è+à'pàà/ → [èè'pāā] 'você esqueceu'

/à+'í'bèb# 'kád#tî/ → ['āybèbηá'dî] 'está cruzando (dim) o seu

próprio rastro'

/ò+'í'yò# 'íkìn#mé# 'kánè/ → ['ōyšòí'kīnē'kāñ:è] 'quero ver meu próprio

retrato'

iii) Depois de [+1 +3] e [+2 +3], tanto [-refl] como [+refl].

Se os verbos ou substantivos iniciarem por consoante coronal, esta é substituída pela consoante palatal correspondente, como também acontece em limite de palavra. Adaptamos a regra RM6 para acomodar a fronteira de clítico.

$$\text{RM6a)} \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{cor} \end{bmatrix} \rightarrow [+alt] / \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{alt} \\ -\text{post} \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{l} \# \\ \neq \end{array} \right\} \text{---}$$

Exemplos:

/tóy# 'tî/ → [tóy'cî] 'nossa mãe'

/méy# ']òb/ → [méy'šòb] 'pai de vocês'

/tóy# 'népò/ → [tōy'ñép:ò] 'nossos braços'

/mèy#lò'nĩ/ → [mèyšò'nĩ] 'vocês se perderam, morreram'
 /tòy#'tágõ/ → [tòy'cágõ] 'nós estamos cansados'

Se os substantivos ou verbos iniciarem por sonorantes labiais, estas são elididas num processo semelhante ao da regra RM1, que se dá somente após /y/, neste caso. Por isso, montamos outra regra independente RM16.

RM16) $\left[\begin{array}{c} +\text{son} \\ +\text{lab} \\ -\text{sil} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left(\begin{array}{c} \neq \\ + \end{array} \right) \left[\begin{array}{c} -\text{sil} \\ +\text{alt} \\ -\text{post} \end{array} \right] (\neq) \text{ ______}$

Condição: deve haver uma fronteira.

Exemplos:

/tòy#wè'bá/ → [tòyè'bá] 'estamos inchados'
 /méy#màkò'báá/ → [méyàkò'báá] '(alguém) ensina vocês'
 /tòy#'mãid/ → [tòy'ãid] 'nossa filha'

Esta regra também se aplica a casos onde a assilabação do /i/ resulta numa seqüência Vyw, onde há uma fronteira ≠ ou + antes do /y/.

Exemplos:

/òn#'íwày/ → ['óyày] 'meu chefe, tutor'
 /pàn#'íwày/ → ['páyày] 'nosso chefe, tutor'

iv) Depois de [+3], [-refl], especificamente ì- e yì-.

Aqui, acontece o mesmo fenômeno descrito acima, quando a coronal for contínua; no caso das não contínuas só acontece quando o prefixo for

ĩ-. Parece haver uma restrição à ocorrência de seqüências de palatal contínua e vogal alta com palatal não contínua, como vemos também no uso preferencial de [šĩ'tá], que na estrutura profunda é /y+ĩ'cá/ 'com ele', sobre a alternativa [šĩ'cá]. Nos parece mais simples formular duas regras independentes, a RM 17 para as contínuas e a RM 18 para as não contínuas.

$$\text{RM17) } \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{cor} \\ +\text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow [+alt] / \begin{bmatrix} +\text{alt} \\ -\text{post} \\ +\text{sil} \end{bmatrix} + \text{_____} \quad 12$$

Exemplos:

/yĩ+'lòb/	→	[šĩ'šòb]	'pai dele'
/ĩ+áì'à'kábà/	→	[yà'kábà]	'olho dele'
/ĩ+'lótà/	→	['šótà]	'está chovendo nele'

$$\text{RM18) } \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{cor} \\ -\text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow [+alt] / \# \begin{bmatrix} +\text{alt} \\ -\text{post} \\ +\text{sil} \end{bmatrix} + \text{_____}$$

Exemplos:

/ĩ+'tór/	→	[ĩ'cór]	'carregá-lo nas costas'
/ĩ+'tìṅá/	→	[ĩ'cìṅá]	'pintá-lo'
/ĩ+'tír/	→	[ĩ'cír]	'cozinhá-lo'
/ĩ+'tàgà/	→	['cāgà]	'esmagá-lo'
cf /yĩ+'tì/	→	[šĩ'tì]	'mãe dele'
/yĩ+'népò/	→	[šĩ'népò]	'braço dele'
/y+ĩ'cá/	→	[šĩ'tá] ~ [šĩ'cá]	'com ele'

Para os últimos exemplos da regra RM17 e semelhantes precisamos de

uma regra de elisão de ii (produzido por RM14a de i+a) antes de y e de i antes de palatais em geral. A regra RM19 dá o resultado desejado.

$$\text{RM19) } \begin{bmatrix} +\text{sil} \\ +\text{alt} \\ -\text{post} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \left\{ \begin{array}{l} \# \text{ ——— } + \\ + \text{ ——— } \end{array} \right\} \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{alt} \\ -\text{post} \end{bmatrix} \text{ (recursiva)} \\ \text{[+classe B]}$$

Condição: classe B definida em termos lexicais

v) Depois de [+3 +3], ou seja, tá?.

Quando o verbo ou substantivo inicia em /á/, ou em /à/ se pertencer à classe instável, que conforme veremos muda para /á/ neste caso, aplica-se a regra RF13 para eliminação da glotal, e a RF15 para redução silábica. Quando a vogal for /à/ na classe estável, ou /i/ com qualquer tom, a glotal é também eliminada, conforme a regra RF14, mas neste caso não há redução silábica, nem assilabação do /i/, ao contrário do que acontece em [+1], [+2], [+1 +2] e [+3]¹¹.

Exemplos:

/tá?#`àdò/	→	['táádò]	'cesto deles'
/tá?#`ákàr/	→	['táákàr]	'(alguém) os morde'
/tá?#`àkà/	→	['táàkà]	'(alguém) bate neles, os mata'
/tá?#`íkìn/	→	[tá'íkìn]	'(alguém) os vê'
/tá?#`ì'kááb/	→	[táĩ'kááb]	'dente(s) deles'

c) Mudanças a nível suprasegmental.

Dividimos os verbos e substantivos em duas classes, de acordo com a ocorrência ou não de mudanças tonais na raiz. No fim deste capítulo

damos um quadro de paradigmas completos de cada classe e sub-classe, exemplificando todas as variações observadas.

i) Classe I (estáveis). 'meu próprio retrato'

Esta se subdivide em duas sub-classes: a das palavras que iniciam com tom alto (sub-classe Ia) e a das que iniciam com tom baixo (sub-classe Ib). As palavras da sub-classe Ia, quando iniciam por consoante, não têm seus tons alterados, nem na raiz, nem no marcador de pessoa (prefixo ou pronome proclítico). Quando iniciam por vogal, os pronomes proclíticos [-3foc] não reflexivos tomam o tom alto da vogal inicial¹³. A regra RM20 dá conta desta mudança tonal.

$$\text{RM20)} \quad [-\text{ALT}] \rightarrow [+ \text{ALT}] / \left[\begin{array}{l} +\text{pron} \\ -3\text{foc} \\ -\text{refl} \end{array} \right] \neq \left[\begin{array}{l} \text{V} \\ +\text{ALT} \end{array} \right] \$ \text{X} \\ \left[+\text{classe I} \right]$$

Exemplos:

/òn# 'âkàr/	→ ['óókàr]	'(alguém) me morde'
/èn# 'íyò/	→ ['éyšò]	'imagem (sombra) de você'
/pàn# 'íkìn/	→ ['páykìn]	'(alguém) nos vê'

Nas palavras iniciadas em /i/ de qualquer classe, usadas reflexivamente ou não, o tom inicial é eliminado com a assilabação do /i/ descrita nas seções 5b-i e ii deste capítulo. Montamos para isto a regra RM21.

$$\text{RM21)} \quad \left[\begin{array}{l} \text{V} \\ +\text{alt} \\ -\text{post} \end{array} \right] \rightarrow [-\text{tom}] / \left[-\text{si} \right]$$

Exemplos:

/ò+'íyò/	→	['òyšò]	'meu próprio retrato'
/òn#ì'kááb/	→	['òy'kááb]	'meu dente'
/èn#'íkín/	→	['éykìn]	'(alguém) vê (veio ver) você'

Quanto às palavras da sub-classe Ib, nas que iniciam por vogal, todos os pronomes proclíticos [-3foc] não reflexivos tomam tom alto, e nas que iniciam por consoante todos exceto [+1 +2] tomam tom alto. A regra RM22 dá o resultado correto.

$$\text{RM22) } [-\text{ALT}] \rightarrow [+ \text{ALT}] \left/ \begin{array}{l} \text{+pron} \\ \text{-3foc} \\ \text{-refl} \\ \langle [+1 +2] \rangle \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \neq (\text{C}) \left[\begin{array}{l} \text{V} \\ \text{-ALT} \end{array} \right] \\ \langle \neq \left[\begin{array}{l} \text{V} \\ \text{-ALT} \end{array} \right] \rangle \\ \text{[+classe I]} \end{array} \right.$$

Exemplos:

/òn#'àkà/	→	['óókà]	'(alguém) bate em mim, me mata'
/pàn#'àkà/	→	['páákà]	'(alguém) bate em nós, nos mata'
/òn#'tì/	→	['ó'nī]	'minha mãe'
/èn#'kàr/	→	['é'ḡār]	'(alguém) procura você'
/pàn#màkò'bá/	→	['pàmàkò'bá]	'(alguém) nos ensina'

Nas palavras desta sub-classe iniciadas em /a/ o tom da vogal inicial é assimilado ao tom do marcador de pessoa¹³. A RM23 dá conta desta assimilação, que se aplica também à classe IIb.

$$\text{RM23) } [\text{V}] \rightarrow [\alpha \text{ALT}] \left/ (\text{C}) \left[\begin{array}{l} \text{V} \\ \alpha \text{ALT} \end{array} \right] \neq \left\{ \begin{array}{l} \text{\$ X} \\ \text{[+classe Ib]} \\ \text{[+classe IIb]} \end{array} \right\} \right. \quad 11$$

Exemplos:

/èn#'àkà/ (Ib) → ['éékà] '(alguém) bate em (mata) você'

/òn#'àdò/ (IIb) → ['ōōdò] 'meu cesto'

ii) Classe II (instáveis).

Esta também se divide em duas sub-classes, da mesma maneira que a classe I. As palavras que pertencem à sub-classe IIa (raíz iniciada com tom alto) sofrem abaixamento do tom da primeira sílaba depois dos pronomes altos, ou seja, os [+3foc] não reflexivos tóy, méy e tá?. Para isto montamos a regra RM24.

RM24)
$$[+ALT] \rightarrow [-ALT] / \left[\begin{array}{l} +pron \\ +3foc \\ -refl \end{array} \right] \neq \frac{\$}{[+classe II]}$$

Exemplos:

/tóy#'láj/ → [tóy'šǎ] 'nossos fígados'

/méy#'lír/ → [méy'šír] 'sangue de vocês'

/tá?#kóór/ → [tá'kōōr] 'tripas deles'

As palavras que pertencem à sub-classe IIb sofrem elevação do tom da primeira sílaba depois de qualquer pronome clítico, quando iniciadas em consoante¹³; e, só depois dos pronomes clíticos [+3foc], nas palavras iniciadas em /a/ e /i/. (Nestes últimos casos, porém, há assimilação do tom concomitante com a assimilação da vogal /a/, como na sub-classe Ib, e eliminação do tom concomitante com a assilabação da vogal /i/, como na sub-classe Ia). A regra RM25 produz os resultados requeridos.

$$\text{RM25)} \quad [-\text{ALT}] \rightarrow [+ \text{ALT}] / \left[\begin{array}{c} +\text{pron} \\ \langle +3\text{foc} \rangle \end{array} \right] \neq \left\{ \begin{array}{c} \$ \text{ C} \\ \langle \$ \rangle \\ [+ \text{classe II}] \end{array} \right\} \quad 14$$

Exemplos:

/òn#kò?/	→	[ò'ŋó]	'minha boca'
/èn#màycē/	→	[e'máy_cē]	'(alguém) joga fora você'
/tòy#kò?#lò'nĩ/	→	[tòy'kó_lò'nĩ]	'nós gaguejamos (perdemos nossa (própria) boca)'
/pàn#pì'kããy/	→	[pãmí'kããy]	'nós gostamos (v.int.)'
/méy#àdò/	→	[mēy'ádò]	'cestos de vocês'
/tá?#àmàtàgá/	→	['táámàtàgá]	'(alguém) vem em direção a eles'

Certas palavras que pertencem à classe IIb sofrem uma modificação adicional: o tom da última sílaba se torna baixo depois dos pronomes clíticos, isto é, quando o da primeira sílaba se torna alto. A regra RM26 dá o resultado correto.

$$\text{RM26)} \quad [+ \text{ALT}] \rightarrow [- \text{ALT}] / \neq [+ \text{ALT}] \$ (X \$) \# \quad 13$$

$$\left\{ \begin{array}{l} /pì'kōy/ \\ /àmì'ã/ \\ /pìì'pé/ \\ \dots \end{array} \right\}$$

Exemplos:

/òn#àmì'ã/	→	['óómìã]	'meu nariz'
/èn#pì'kōy/	→	[emí'kōy]	'tua unha'
/pàn#pììpé/	→	[pà'míípè]	'nossos pés'
/tòy#àmìã#lì#àr/	→	[tòy'ámìã_lìàr]	'estamos com gripe ([+1 +3]-nariz-líquido-cair)'

cf /ò+àmì'ã#lì#àr/ → [òòmì'á]lìàr 'estou com gripe ([+1]-nariz-
líquido-cair)'
e /è+pì'kôy#'ígá/ → [èpì'kôy]ígá 'você corta (tira) suas unhas'

iii) O prefixo [ma], de posse opcional.

Este normalmente acompanha o tom do marcador de pessoa. A regra RM27 dá conta disto:

RM27) [ma] → [αALT] / $\left[\begin{array}{c} +\text{marc} \\ \alpha\text{ALT} \end{array} \right] \left\{ \begin{array}{c} \neq \\ + \end{array} \right\}$ —

No caso de [+1 +3] e [+2 +3], porém, diante de substantivos com tom alto, o prefixo [ma] é alto mesmo no reflexivo, onde estes pronomes tem tom baixo. A regra RM28 dá o resultado correto para isto.

RM28) [-ALT] → [+ALT] / $\left[\begin{array}{c} +\text{pron} \\ \left\{ \begin{array}{c} [+1 +3] \\ [+2 +3] \end{array} \right\} \end{array} \right] \neq \left[\begin{array}{c} /ma/ \\ +\text{poss.opc.} \end{array} \right] \$ [+ALT]$

Exemplos:

/òn#ma+'ká]ár/ → [òmà'ká]ár 'minha arara'
/èn#ma+'páánááb/ → [èmà'páánááb] 'minha mala'
/tóy#ma+'páánááb/ → [tóyā'páánááb] 'nossa mala'
/mèy#ma+'ká]ár/ → [mèyā'ká]ár 'arara de vocês (refl)'

iv) Quadro de paradigmas.

Damos aqui paradigmas completos de todas as classes e sub-classes.

Classe Ia

	/'pór/ 'irmão'		/'ákàr/ 'morder'		/'tágõ/ 'estar cansado'	
	[-refl]	[+refl]	[-refl]	[+refl]		
[+1]	[õ'mór]	[õ'pór]	['óókàr]		[õ'tágõ]	
[+2]	[e'mór]	[e'pór]	['éékàr]		[e'tágõ]	
[+3]	[šì'pór]	[à'pór]	['šákàr]		[à'tágõ]	
[+1 +2]	[pà'mór]	[pà'mór]	['páákàr]		[pà'nágõ]	
[+1 +3]	[tōy'pór]	[tōy'pór]	[tōy'ákàr]		[tōy'cágõ]	
[+2 +3]	[mēy'pór]	[mēy'pór]	[mēy'ákàr]		[mēy'cágõ]	
[+3 +3]	[tā'pór]		['táákàr]			

Classe Ib

	/'íyò/ 'imagem'		/'ákà/ 'bater'		/'ò'nĩ/ 'morren'	
	[-refl]	[+refl]	[-refl]	[+refl]		
[+1]	['óyšò]	['ōyšò]	['óókà]		[ò]ò'nĩ]	
[+2]	['éyšò]	['ēyšò]	['éékà]		[è]ò'nĩ]	
[+3]	['šíšò]	['āyšò]	['šákà]		[à]ò'nĩ]	
[+1 +2]	['páyšò]	['pāyšò]	['páákà]		[pà]ò'nĩ]	
[+1 +3]	[tōy'íšò]	[tōy'íšò]	[tōy'ākà]		[tōyšò'nĩ]	
[+2 +3]	[mēy'íšò]	[mēy'íšò]	[mēy'ākà]		[mēyšò'nĩ]	
[+3 +3]	[tā'íšò]		['tā'ākà]			

Classe IIa

	/'tì/ 'mãe'		/'jã/ 'fígado'	
	[-refl]	[+refl]	[-refl]	[+refl]
[+1]	[ó'nĩ]	[ò'tĩ]	[ò'lã]	[ò'lã]
[+2]	[é'nĩ]	[ê'tĩ]	[ê'lã]	[ê'lã]
[+3]	[sì'tĩ]	[à'tĩ]	[ĩ'şã]	[ã'lã]
[+1 +2]	[pà'nĩ]	[pà'nĩ]	[pà'lã]	[pà'lã]
[+1 +3]	[tøy'cĩ]	[tøy'cĩ]	[tøy'şã]	[tøy'şã]
[+2 +3]	[møy'cĩ]	[møy'cĩ]	[møy'şã]	[møy'şã]
[+3 +3]	[tã'tĩ]		[tã'lã]	

Classe IIb

	/'kõ?/		/'mãycê/		/'pĩ'káãy/	
	'boca'		'jogar'		'gostar (v.int)'	
	[-refl]	[+refl]	[-refl]		[+refl]	
[+1]	[ò'ŋõ]	[ò'kõ]	[ò'mãycê]		[òpĩ'káãy]	
[+2]	[ê'ŋõ]	[ê'kõ]	[ê'mãycê]		[êpĩ'káãy]	
[+3]	[sì'kõ]	[à'kõ]	[mãycê]		[apĩ'káãy]	
[+1 +2]	[pà'ŋõ]	[pà'ŋõ]	[pà'mãycê]		[pãmĩ'káãy]	
[+1 +3]	[tøy'kõ]	[tøy'kõ]	[tøy'ãycê]		[tøypĩ'káãy]	
[+2 +3]	[møy'kõ]	[møy'kõ]	[møy'ãycê]		[møypĩ'káãy]	
[+3 +3]	[tã'kõ]		[tã'mãycê]			

Paradigma de /'àdò/ opções /ì'kááb/ /'àmàtàgá/

	'cesto grande'	'arar'	'dente'	'vir em direção a'
	[-refl]	[+refl]	[-refl]	[-refl]
[+1]	['ōōdò]	['ōōdò]	[ōy'kááb]	['óómàtàgá]
[+2]	['ēēdò]	['ēēdò]	[ēy'kááb]	['éémàtàgá]
[+3]	['ššādò]	['āādò]	[šìì'kááb]	['ššàmàtàgá]
[+1 +2]	['pāādò]	['pāādò]	[pày'kááb]	['páámàtàgá]
[+1 +3]	[tōy'ádò]	[tōy'ádò]	[tōyī'kááb]	[tōy'ámàtàgá]
[+2 +3]	[mēy'ádò]	[mēy'ádò]	[méyī'kááb]	[mēy'ámàtàgá]
[+3 +3]	['táádò]		[tái'kááb]	['táámàtàgá]

/àmì'ǎ/ 'nariz'

/pì'kōy/ 'unha'

	[-refl]	[+refl]	[-refl]	[+refl]
[+1]	['óómìǎ]	['ōòmì'ǎ]	[òmí'kōy]	[òpì'kōy]
[+2]	['éémìǎ]	['ēēmì'ǎ]	[émí'kōy]	[èpì'kōy]
[+3]	['ššàmì'ǎ]	['āàmì'ǎ]	[šìpì'kōy]	[àpì'kōy]
[+1 +2]	['páámìǎ]	['pāāmìǎ]	[pàmí'kōy]	[pàmí'kōy]
[+1 +3]	[tōy'ámìǎ]	[tōy'ámìǎ]	[tōypí'kōy]	[tōypí'kōy]
[+2 +3]	[mēy'ámìǎ]	[mēy'ámìǎ]	[méypí'kōy]	[mēypí'kōy]
[+3 +3]	['táámìǎ]		[tápí'kōy]	

Paradigma de posse opcional formas subjacentes como /'gà?+]'égà/,

/'kà?]'ín/, /'kà?]'ár/ 'arara' por diante. Só podemos verificar se um

	[-refl]	[+refl]
[+1]	[òmà'ká]ár	[òmà'ká]ár
[+2]	[èmà'ká]ár	[èmà'ká]ár
[+3]	[šìmà'ká]ár	[àmà'ká]ár
[+1 +2]	[pàmà'ká]ár	[pàmà'ká]ár
[+1 +3]	[tòyā'ká]ár	[tòyā'ká]ár
[+2 +3]	[mèyā'ká]ár	[mèyā'ká]ár
[+3 +3]	[tāmā'ká]ár	[tāmā'ká]ár

Notas:

1. Por exemplo, alguma coisa que faz parte da cultura há muito tempo: [ííb+]'kát:à] 'cortar árvore, pau', em contrapartida a alguma atividade nova: [jíkìb#]'gát:à] 'cortar seringa'. No primeiro exemplo não há nasalização, e a consoante final do primeiro morfema perde o vozeamento, enquanto no segundo exemplo acontece o oposto.

2. Esta regra se aplica antes da regra RM2, pois os /m/, /l/ e /y/ resultantes dessa regra não são elididos. Se fôssemos tentar fazer a ordenação intrínseca, deveríamos colocar na RM1 uma restrição em sentido de que ela não se aplicasse a derivações.

3. Esta classe lexical provavelmente coincide com a classe dos substantivos obrigatoriamente possuídos com possuidor indeterminado, iniciados por consoante não vozeada.

4. Não achamos exemplo de /y/ mudando para /y/ depois de pausa.

5. O vozeamento não ocorre em palavras como [gà]'égà] 'folhagem da roça', [mò]'ín] 'folha (? -cabelo)', [kò]'yér] 'língua (boca- ?), e

outras, para as quais postulamos formas subjacentes como /'ŋà?+'légà/, /'mò?+'lín/, /'kò?+'yé/ e assim por diante. Só podemos verificar se um morfema termina em glotal quando ele ocorre neste tipo de composto nos dados obtidos.

6. Adjetivos e verbos parecem compor uma só classe que, para efeitos desta dissertação, estamos chamando de "verbo".

7. A regra RM9 se aplica ao sufixo /-à/ (dando /-îd/) e, para pelo menos um falante, à palavra /à'tó/ 'alto' quando precede este sufixo: /y+à'tó+à/ [sà'tóà] 'é alto' → /y+à'tó+îd/ [sà'tóîd] 'é (um objeto pequeno) alto'. → /y+à'cí+îd/ [sà'cíîd] 'é (um objeto muito pequeno) alto'. Além disto, se aplica ao intensificador [-ítèr] (~ [-yítèr]) quando este segue verbos estativos (adjetivos): /kà'kír+ítèr/ [kà'kírí'tèr] 'é muito bonito' → /kà'kír+ícîr/ [kà'kírí'cîr] 'é muito bonito (algo pequeno)'

8. Nos nomes próprios pelo menos a penúltima sílaba pode também se elevar em parte, no diminutivo. Por exemplo, a menina de nome /'lò+'tír/ [lò'dír] é chamada, pela mãe, de [yò'jír], onde a elevação se aplicou à consoante inicial (que faz parte da penúltima sílaba de uma palavra composta usada como nome, fato cuja significância por enquanto ignoramos). A vogal /o/ nem sempre segue a regra RM9. É possível que houve, antigamente, uma vogal /u/ correspondente ao /o/ para esta regra. A sua perda poderia ter resultado de uma mudança lingüística que implicasse numa reinterpretação como /o/ em alguns casos, e como /i/ em outros. Hoje, a situação é tal que /i/ corresponde a /a/ e /o/ ao mesmo tempo, para o diminutivo.

9. Embora o segmento /c/ seja normalmente considerado mais tenso do que /d/, nesta língua parece acontecer o contrário.

10. Nas palavras monossilábicas não há assimilação. Isto decorre do fato delas terem o segmento glotal como fonema inicial, na estrutura profunda: /òn#?'ááb/ → [ò'ááb] 'minhas costas, /òn#?'íd/ → [ò'íd] 'é meu', /ò+'òr/ → [ò'òr] 'eu venho'. Pelo menos uma palavra dissilábica também inicia com glotal: /èn#?'ígà/ → [è'ígà] 'tirar você'.

11. As regras RM15, 15a e 23 se aplicam antes da regra RF14, de eliminação da glotal. A ordenação extrínseca neste caso é bem mais simples do que seria uma ordenação intrínseca, porque esta implicaria na necessidade de se usar traços morfológicos em regras onde traços fonológicos bastam. A ordenação é necessária para evitar que as regras se apliquem aos /i/ ou /à/ que seguirem o pronome clítico /tá?/ 'eles'.

12. Um genitivo, /òn#?'tì#?'óà/ → [?'ónì'?'óà] 'irmão da minha mãe', mostra como, quando o segmento que precede a consoante coronal for silábico, a fronteira só pode ser de morfema. Esta é uma razão a mais para montarmos uma regra independente.

13. O substantivo /àmì'á/ 'nariz' e o verbo /'ámàtàgá/ 'vir em direção a', pertencentes à classe IIB, têm um comportamento um tanto diferente dos demais membros desta classe: sofrem a regra RM20, de elevação dos pronomes proclíticos [-3foc] não reflexivos, depois da elevação da sua vogal inicial após todos os pronomes proclíticos conforme a regra RM25, e portanto só pode sofrer a RM23, de assimilação do tom da vogal inicial ao do marcador de pessoa, quando este marcador não é incluído na regra RM20 (v. quadro de paradigmas).

14. Esta regra se aplica antes das regras de assimilação segmental e assilabação; as regras RM21 e 23 se aplicam depois delas ou junto com elas.

Conclusão

Esta dissertação não é uma descrição exaustiva da fonologia da língua Suruí, como nem poderia ser. Esperamos, entretanto, que além de constituir numa contribuição modesta para a lingüística no Brasil, ela seja de utilidade para os estudiosos de línguas indígenas em geral e para os que porventura se interessarem pela própria língua Suruí em particular.

Houve, necessariamente, uma duplicação parcial de esforço, pois parte do que aqui descrevemos já foi descrito sob outro enfoque por Willem e Carolyn Bontkes (C. Bontkes 1976, W. e C. Bontkes 1978). O enfoque diferente desta dissertação veio, entretanto, esclarecer várias coisas que ficaram sem explicação no manuscrito dos lingüistas citados, pois o modelo usado por eles visa antes a descrever que a explicar os fenômenos fonológicos. Acreditamos que isto, em conjunto com a descrição de alguns fenômenos até agora não mencionados, seja uma justificativa suficiente para a apresentação deste novo estudo da fonologia do Suruí. Dentre os fenômenos não descritos anteriormente merece atenção especial a formação do diminutivo, que, além de envolver a mudança coordenada de vogais e consoantes, se aplica não só aos substantivos, mas também aos verbos (e adjetivos) de modo a afetar o predicado das orações que têm no caso absoluto (sujeito de verbos intransitivos, objeto direto de verbos transitivos) um nome de ser caracterizado pela propriedade [+pequeno]. Não tentamos descrever esta última parte, que envolve a consideração do caráter ergativo da morfologia e da sintaxe do Suruí, por fugir ao escopo estritamente fonológico deste trabalho.

Outro fenômeno identificado por esta análise é o da sonorantização e nasalização dos segmentos surdos em determinadas fronteiras

morfo(fono)lógicas, em situação que se correlaciona com fatos observados em outras línguas sul-americanas e que provavelmente refletem uma tendência à nasalização induzida pelas pausas (cf. Rodrigues 1980), embora no Suruí normalmente não se percebe pausa alguma, a não ser no caso da RM5.

Quadro 1 - Matriz de formas

	p	t	k	t	b	d	j	g	l	y	m	n	ñ	ŋ	l	y	v	r	s	o	u	+	0	
cons	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
bil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
cont ²	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
nas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
lat	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
voz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
cor ³	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
alt ³	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
post ³	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
lab ³	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

≡ Apêndice A

Quadro 1 Matriz de fonemas

	p	t	c	k	ʔ	b	d	j	g	l̥	y	m	n	ñ	ŋ	l	y	w	r	i	e	ɨ	a	o	ĩ	ẽ	ɨ̃	ã	õ	
cons	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	- ¹	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
sil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
cont ²	-	-	-/+	-	-	-	-	-/+	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
nas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	
lat	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
voz	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
cor ³	-	+	+	-	-	-	+	+	-	+	-	-	+	+	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	
alt ³	-	-	+	+	-	-	+	+	-	+	-	-	-	+	+	-	+	+	+	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	
post ³	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	
lab ³	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	

Notas:

1. O fonema /y/ tem características consonantais nos seus alofones fricativos, embora seja não consonantal nos alofones não fricativos. Deve-se isto ao fato deste segmento ter, diacronicamente, duas origens: (a) fricativa palatal no início da sílaba, e (b) semivogal em final de sílaba, cf. ['yáb], Cinta Larga ['ñžab] 'flecha' e [wà'lóy], Cinta Larga [wã'nzoí] 'tatu'. Como seu comportamento tem certo paralelismo com o /l/, que também tem alofones fricativos, e que não ocorre em final de sílaba, supomos que todos os /y/ finais têm como origem a semivogal e os iniciais a fricativa palatal. Quanto aos intervocálicos, é difícil afirmar qualquer coisa a priori a respeito da sua origem.

2. Veja nota 1 do apêndice B.

3. Não eliminamos todas as redundâncias porque usamos estes traços em certas regras e observações.

Apêndice B

Quadro 2a Matriz fonética parcial (variantes dos fonemas não contínuos)

	/p/			/t/ /c/			/k/			/ʔ/	/b/				/d/				/j/	/g/				/m/		/n/		/ɲ/		/ŋ/					
	p	p:	p̄	t	t:	c	k	k:	x	ʔ	b	b:	b̄	^m b	d	d:	d̄	ⁿ d	j	g	g:	ḡ	g	m	m:	n	n:	ɲ	ɲ:	ŋ	ŋ:				
sil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
cons	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+			
son ¹	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
cont ¹	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
fric ²	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
nas ¹	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
voz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
cor	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	
alt	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
post	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
lab	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
longo	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Quadro 2b Matriz fonética parcial (variantes dos fonemas contínuos)

	/l/		/y/		/l/			/y/				/w/				/r/			/i//e//i//a//o//i//ê//ĩ//ã//õ/																								
	θ	θ̣	l	š	y	y	ɛ	ɛ̣	l	ḷ	l̄	z	y	y	y:	ȳ	y	w	ẉ	ʋ	w̄	w̄	ʋ̄	r	r	r̄	r̄	r̄̄	i	e	e	i	a	o	ĩ	ê	ê	ĩ	ã	õ			
sil ¹	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
cons	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-	+	-	+	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
son ¹	-	-	-	-	-	-	-	/+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
cont	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
fric ²	2	1	0	2	1	0	2	1	0	0	2	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
nas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
lat ¹	-	-	/+	+	-	-	-	-	/+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
voz	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
cor	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
alt ⁴	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
post	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
lab	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
longo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Notas:

1. Krohn (Glossa 1972-6.2) estabeleceu um precedente para conceder uma seqüência de valores de um certo traço a um segmento (seqüências tauto- segmentais de traços). Anderson (1974) discute o mesmo assunto em termos de um overlap de traços entre seqüências de fonemas (onde o traço em questão não tem valor especificado para o segmento a que se aplica, mas é considerado como uma continuação do segmento precedente mais uma antecipação do segmento seguinte), mas deixa de dar conta de todos os dados que menciona, como por exemplo os do Kaingang. No caso do Suruí, parece que não há como afirmar que haveria, por exemplo, um overlap do traço [-lat] sobre o [+lat] ou do [-son] sobre o [+son] (no caso do [d]), pois não há nada no ambiente precedente ou seguinte que possa justificar tal overlap.

2. Quanto ao traço [fric] (fricativo) devemos observar:

a) Subjacentemente, o traço [+cont] é suficiente para definir a classe dos aproximantes. Para descrever as variações, porém, precisamos do traço [fric] com uma escala de valores na matriz fonética.

b) Ladefoged (1971) menciona que aproximante-fricativo-oclusivo deveriam, de certa maneira, ser considerados como estando num contínuo, isto é, que um aproximante é mais semelhante a uma fricativa do que a uma oclusiva. Isto não fica claro com nenhum tipo de traço considerado pela fonologia gerativa tradicional, nem com o traço [fric] que usamos aqui. Poderíamos pensar na possibilidade de usar o traço [constritivo], dando valor 0 às vogais, 1 aos aproximantes não silábicos, 2 (ou 2 e 3, dependendo da necessidade) às fricativas, possivelmente 3 ou 4 às africadas se houver necessidade de distinguí-las, e um valor acima dos outros (3, 4 ou 5) às oclusivas. Neste caso não haveria necessidade de

manter o traço contínuo, e talvez até haveria possibilidade de eliminar outros traços. Não é escopo do presente trabalho discutir a fundo esta idéia, nem de ser radicalmente inovativo a ponto de usar este traço. A própria utilização de 3 valores para o traço [fricativo] já é uma inovação sobre Ladefoged. Consideramos que isto seja válido porque descreve adequadamente os graus de fricção efetivamente observados na classe dos aproximantes assilábicos não posteriores em Suruí. [1fric] é usado para alofones parcial ou levemente fricativos, [2fric] para os de fricção normal e [0fric] para os não fricativos. Os alofones das oclusivas são especificados em termos de valores positivos ou negativos deste traço, com exceção dos coronais altos, que por serem parcialmente fricativos são considerados como tendo valor [1fric]. As vogais não são especificadas para este traço.

3. As vogais superficialmente nasais podem ser subjacentemente nasais ou orais.

4. Os valores numéricos deste traço são usados para as vogais. A justificação é óbvia, pois com isto se elimina a necessidade de se usar o traço [baixo] para distinguir o alofone baixo do alofone médio do /e/.

Apêndice C

Descrição dos símbolos usados.

p, t, k, ʔ, b, d, g, m, n, ŋ, l, w, i, e, ɨ, a, o, ɛ, x, f, θ são usados como no IPA.

- y aproximante palatal vozeado
- c africada palato-alveolar não vozeada (flaba)
- j africada palato-alveolar vozeada
- ñ nasal palato-alveolar
- r aproximante alveolar (é produzido com um "flap" que normalmente não faz contato com o articulador superior)
- š contóide fricativo palato-alveolar não vozeado
- ž contóide fricativo palato-alveolar vozeado
- ʋ aproximante bilabial vozeado não posterior não arredondado
- ɔ vocóide baixo posterior arredondado aberto
- pʔ contóide glotalizado egressivo
- tʔ contóide glotalizado ingressivo
- ʔ vocóide laringalizado
- a₊ vocóide com breathy voice
- r^ə aproximante alveolar com soltura vocálica
- Ṁ vibração lenta e relaxada da glote com forte pressão subglotal e, simultaneamente, com oclusão bilabial e abaixamento do véu palatino
- l̥, y̥, b̥, g̥, d̥, r̥ são segmentos não vozeados e não tensos
- w̥, y̥, y̥₊ são aproximantes levemente fricativos
- ṁ, ṅ, ṛ, ṽ são aproximantes nasalizados
- p̥, b̥, d̥, g̥ são contóides fricativos

t, d, c, j, n, ñ, l, l̃, ʃ, ʒ, são contóides coronais adiantados

ĩ, ê, ē, ẽ, ̃, ã, õ são vogais nasais ou nasalizadas

: alongamento do segmento precedente

ˊ tom alto

ˋ tom baixo

ˊˋ tom médio

ˊˊˊ tom extra-alto

'S acento de intensidade de grau 1 (S = sílaba)

"S acento de intensidade de grau 2

\$ fronteira silábica

+ fronteira de morfema

≠ fronteira de clítico

fronteira de palavra

[wàˊˊˊ]	[wàˊˊˊlój]	'tatu'
[wãˊˊˊ]	[ˊwãˊˊˊlēj]	'mulher'
[ɨˊˊˊ] ou [ɨˊˊˊ]	[ˊɨˊˊˊ]	'casa'
[yˊˊˊ]	[ˊyˊˊˊ]	'flecha'
[ɲˊˊˊ]	[ˊɲˊˊˊ]	'roça'
[mɛˊˊˊwã]	[ˊmɛˊˊˊwã]	'cantar'
[mɛˊˊˊ]	[ˊmɛˊˊˊwã]	'queixada'
[mãˊˊˊ]	[ˊmãˊˊˊrɨ]	'peixe'
[ɨˊˊˊwã]	[ˊɨˊˊˊwãrɨ]	'cabeça deles'
[mɔˊˊˊ]	[ˊmɔˊˊˊ]	'morro'
[ɲˊˊˊ]	[ˊɲˊˊˊ]	'sol'

temos isto como uma confirmação externa do processo de sonorantização, que parece ser uma extensão do processo de nasalização

Apêndice D

Comparação com o Cinta-Larga

Só comparamos pouco material (dados colhidos pessoalmente, conferidos com os materiais de Sandberg, 1977a e b, e 1978) e nos atemos aos dados que vêm iluminar o fenômeno de sonorantização descrito em IVB 1 e 5. Vemos que há uma correspondência entre [l] Suruí e [nz] ou [nd] Cinta-Larga, [y] inicial (ou talvez não final) Suruí e [ñʒ] Cinta-Larga, como também entre nasais Suruí e seqüências de nasal e oclusiva em Cinta-Larga. Vejamos alguns exemplos:

CL	Su	
[wando:i]	[wà'lóy]	'tatu'
[wanded]	['wālèd]	'mulher'
[nzab] ou [ndab]	['láb]	'casa'
[ñʒab]	['yáb]	'flecha'
[ŋga]	['ŋā]	'roça'
[mberewā]	['méréwà]	'cantar'
[mbebe]	['mēm̀bè]	'queixada'
[mbolib]	[mò'ríb]	'peixe'
[ta:ndar]	[tāā'nár]	'cabeça deles'
[ndo:]	['nō]	'morro'
[ŋgaɖ]	['ŋád]	'sol'

Vemos isto como uma confirmação externa do processo de sonorantização, que parece ser uma extensão do processo de nasalização

em limite de palavra verificado em muitas línguas indígenas (cf. Rodrigues 1980), inclusive no Cinta-Larga, que é considerado como relacionado a nível dialetal com a língua Gavião, que parece empregar muito menos esta nasalização. Há palavras em que o Cinta-Larga nasaliza mais do que o Suruí, como vemos abaixo. Nestes casos talvez haja uma diferença no tipo de fronteira ou nas formas subjacentes.

CL	Su	
[ɔŋge:ri]	[õ'kér]	'eu durmo'
[θaŋgoã]	[šàgõã]	'coração dele'

Bibliografia

- Anderson, Stephen R. 1974. The Organization of Phonology. New York, San Francisco, London: Academic Press.
- Bontkes, Carolyn. 1976. Suruí Syllable Prosodies. Manuscrito inédito.
- Bontkes, Willem. 1976. Suruí Clauses. Manuscrito inédito.
- _____. 1978. Dicionário Preliminar Suruí-Português, Português-Suruí. Edição preliminar. Porto Velho: Summer Institute of Linguistics.
- _____ e Carolyn Bontkes. 1978. Phonemic Analysis of Suruí. Manuscrito inédito.
- Catford, J.C. 1968. "The Articulatory Possibilities of Man", em Bertil Malmberg, ed. Manual of Phonetics. Amsterdam: North Holland Publishing Company.
- Chomsky, Noam e Morris Halle. 1968. The Sound Pattern of English. New York: Harper & Row.
- Hooper, Joan B. 1976. An Introduction to Natural Generative Phonology. New York, San Francisco, London: Academic Press.
- Hyman, Larry M. 1975. Phonology: Theory and Analysis. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Krohn, Robert. 1972. "Underlying Vowels in Modern English". Glossa 6:2. British Columbia: Simon Fraser University.
- Ladefoged, P. 1971. Preliminaries to Linguistic Phonetics. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. 1975. A Course in Phonetics. New York, Chicago, San Francisco, Atlanta: Harcourt Brace Jovanovich.

- Rodrigues, A.D. 1971. "Línguas Ameríndias". Grande Enciclopédia Delta-Larousse. Rio de Janeiro: Delta.
- _____. 1980. Contribuições das Línguas Brasileiras para a Fonética e a Fonologia. Comunicação à XII Reunião Brasileira de Antropologia, Rio de Janeiro.
- Sandberg, C. e P. Kingston. 1977a. Tentative Phonemic Statement of the Cinta Larga Language. Manuscrito inédito.
- Sandberg, C. 1977b. Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras. Questionário do Museu Nacional.
- _____ e P. Sandberg. 1978. Dicionário Cinta Larga- Português- Inglês. Manuscrito inédito.
- Schane, Sanford A. 1973. Generative Phonology. New Jersey: Prentice Hall.
- Stute, Horst. 1977. Fonologia da Língua Gavião. Manuscrito inédito.
- van der Meer, Tine H. 1980. "A Nasalização em Limite de Palavra no Suruí". Anais do GEL 1981.
- _____. 1982. Ideofones e Palavras Onomatopaicas em Suruí. Comunicação apresentada ao GEL-PUCCAMP, Campinas.